

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

ESCOLA DE HUMANIDADES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

JÚNIA CRISTINA VAZ VIEIRA

AS COLEÇÕES DA EDITORA GLOBO DE PORTO ALEGRE:

INOVAÇÃO E INEDITISMO (1930-1960)

Dissertação de Mestrado

PORTO ALEGRE

2017

JÚNIA CRISTINA VAZ VIEIRA

AS COLEÇÕES DA EDITORA GLOBO DE PORTO ALEGRE:

INOVAÇÃO E INEDITISMO (1930-1960)

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração em Teoria da Literatura pela Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Maria Eunice Moreira

PORTO ALEGRE

2017

Ficha Catalográfica

V658c Vieira, Júnia Cristina Vaz

As coleções da Editora Globo de Porto Alegre : inovação e ineditismo (1930-1960) / Júnia Cristina Vaz Vieira . – 2017.
80 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Eunice Moreira.

1. editoras brasileiras. 2. mercado editorial. 3. best sellers. I. Moreira, Maria Eunice. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

JÚNIA CRISTINA VAZ VIEIRA

AS COLEÇÕES DA EDITORA GLOBO DE PORTO ALEGRE:

INOVAÇÃO E INEDITISMO (1930-1960)

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração em Teoria da Literatura pela Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr^a Regina Kohlrausch

Prof.^a Dr^a Marcia Ivana de Lima e Silva

Prof. Dr^a Maria Eunice Moreira

DEDICATÓRIA

A todos aqueles que se dedicam de corpo e alma
ao livro e à leitura no Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida.

Agradeço à família Rossler pelo apoio e amor incondicionais, em especial Sr. Lauro Rossler e a Sra. Maria Madalena Superti Rossler. Sem vocês a conclusão deste trabalho não teria sido possível.

À CAPES pelo financiamento de meus estudos.

Meu profundo agradecimento à Professora Dra. Maria Eunice Moreira, minha orientadora, pela generosidade, paciência e parceria.

Agradeço a Professora e Coordenadora da Pós-Graduação da Escola de Humanidades, Maria da Glória Corrêa di Fanti, pela disponibilidade e compreensão em todos os momentos em que precisei de auxílio.

Para meus amigos Andreia Pereira, Christian Ferreira da Silveira Sanhudo e Renato Araújo pela motivação ao longo da minha trajetória acadêmica.

Ao Clube de Mães do Cristal e suas sócias pelo carinho e força.

À equipe da Biblioteca Comunitária do Cristal: Gina Catarina Melo Santiago, Maria Madalena Superti Rossler, Tânia Siqueira e Camila Pedroso dos Reis pelo carinho e dedicação.

Aos leitores da Biblioteca Comunitária do Cristal que, diariamente, com os quais aprendo e compartilho.

Aos meus amados gatos Capitu, Bolo, Nenê, Nego, Cuca e Menina pelo amor incondicional e serenidade que sempre me ofertaram.

Por fim, agradeço a oportunidade de ter tido ao longo da minha trajetória profissional, acadêmica e pessoal uma relação tão próxima com os livros.

Vita brevis, ars longa.

Alea jacta est!

Caio Júlio Cesar

*Coragem é resistência ao medo, domínio do medo
e não ausência do medo.*

Mark Twain

RESUMO

Esta dissertação tem como proposta analisar as coleções editoriais da Editora do Globo de Porto Alegre como um elemento inovador no mercado editorial brasileiro entre as décadas de 1930 e 1960. O enfoque maior será dado ao ineditismo de suas escolhas editoriais que abrangeram desde os leitores amantes de literatura de aventura e mistério com os títulos das coleções *Amarela* e *Universo*, até os ávidos por clássicos da literatura e autores premiados que eram publicados na *Coleção Nobel* e *Biblioteca dos Séculos*. Outro aspecto importante que será abordado é a preocupação com a qualidade literária das obras publicadas pela editora e a metodologia empregada para a escolha de títulos para o seu catálogo.

Palavras-chave: Editoras brasileiras, mercado editorial, *best sellers*, Editora Globo.

ABSTRACT

This thesis aims at analyzing the collections of publishing house Editora Globo of Porto Alegre with regard to innovations in the Brazilian editorial market between 1930 and 1960. It focuses on its then unprecedented editorial choices, which appealed to both readers who love adventure and mystery literature, with its *Coleção Amarela* (Yellow Collection) and *Coleção Universo* (Universe Collection), and those avid to read classics and award-winning authors, published as *Coleção Nobel* (Nobel Collection) and *Coleção Biblioteca dos Séculos*. Other relevant aspects addressed in this thesis are the attention to the literary quality of the books published by Editora do Globo and the methodology utilized for the selection of titles for its catalog.

Keywords: Brazilian publishing houses, editorial market, best sellers, Globo publishing house.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| 1 ENTRE LIVROS E A LINOTIPO: NASCE A LIVRARIA DO GLOBO | 15 |
| 1.1 A EMPRESA | 18 |
| 1.1.1 A REVISTA DO GLOBO | 21 |
| 1.1. 2 A SEÇÃO EDITORA | 25 |
| 2 AS COLEÇÕES DA EDITORA GLOBO | 31 |
| 2.1 COLEÇÃO AMARELA (1931-1956) | 32 |
| 2.2 COLEÇÃO UNIVERSO (1932-1942) | 40 |
| 2.3 COLEÇÃO NOBEL (1933-1958) | 42 |
| 2.4 COLEÇÃO BIBLIOTECA DOS SÉCULOS (1941-1954) | 46 |
| 3 ENTRE A EDITORA E A REVISTA: NASCE UM SISTEMA | 56 |
| CONCLUSÃO | 60 |
| REFERÊNCIAS | 63 |
| ANEXOS | 65 |

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como objetivo analisar aspectos referentes às atividades comerciais desenvolvidas pela Livraria do Globo, em especial entre os anos 1930 e 1950, no mercado editorial brasileiro. O empreendedorismo e a inovação, presentes desde a fundação da empresa, foram elementos-chave para o êxito que a Seção Editora alcançaria ao longo de sua existência, juntamente com características marcantes como a ousadia, a visão mercadológica e o foco na qualidade. Apesar de todos os desafios enfrentados pela Livraria do Globo – orçamentários, políticos e tecnológicos, entre outros –, a perseverança e a crença absoluta na importância do trabalho desenvolvido foram combustíveis para as ações que a empresa fomentou desde os seus primórdios.

No prefácio à obra de Bertaso (2012, p.9), *A Globo da rua da Praia*, Luis Fernando Verissimo compartilha conosco suas reflexões sobre a empreitada da editora porto-alegrense:

Como foi que uma pequena editora, sem nenhuma tradição no ramo, lá na remota Porto Alegre, chegou a ter a força e a influência da Globo dos anos 1930 e 40? "Remota" não é força de expressão. Do ponto de vista literário, todas as capitais brasileiras fora do eixo Rio-São Paulo eram "remotas", na época. Os bons escritores brasileiros não eram do Rio ou de São Paulo, na sua maioria, mas tinham que se mudar para a corte, ou pelo menos serem publicados lá, para existir. O resto do Brasil era um deserto pontilhado de vocações que, como as miragens, se definiam ou se desmanchavam à medida que chegavam perto dos observadores da corte, seus críticos e editores. E de repente, lá num canto do deserto, apareceu uma editora lançando não (ou não apenas) talentos provincianos, mas Thomas Mann, Proust, Conrad, Joyce e descobrindo, para o público brasileiro, Graham Greene, Somerset Maugham, John Steinbeck, Aldous Huxley, Virgínia Woolf. Como conseguiram?

Luis Fernando, filho de Erico Verissimo, acompanhou desde cedo a dedicação de seu pai junto à Livraria do Globo como editor de revista, tradutor e, até o final da vida, conselheiro editorial. Em paralelo, Erico se dedicava à sua carreira como escritor, sendo ele mesmo um dos autores publicados pela Seção Editora.

Tendo como ponto de partida o questionamento de Luis Fernando Verissimo, buscaremos analisar, ao longo desta dissertação, a trajetória da Livraria do Globo e daqueles que contribuíram para a construção do legado de bens culturais produzido pela casa ao longo de sua existência, enfocando especialmente a criação de quatro coleções publicadas entre os anos de 1930 e 1960: *Amarela*, *Universo*, *Nobel* e *Biblioteca dos Séculos*.

A base desta dissertação está no levantamento bibliográfico de obras vinculadas à memória e ao estudo da história do Brasil com enfoque especial para o segmento livreiro e editorial. Para o desenvolvimento da pesquisa, algumas obras são de suma importância para que objetivo fosse alcançado. Citamos a obra de Laurence Hallewell (2012), *O livro no Brasil*, por meio da qual é possível estabelecer um panorama histórico e econômico do mercado editorial brasileiro do período abordado pela dissertação. *O pequeno guia histórico das livrarias brasileiras*, de Ubiratan Machado (2008), é uma preciosidade por si só: sucinto sem deixar de ser profundo, apresenta ao seu leitor as livrarias que contribuíram na mudança do cenário nacional da publicação, da venda e da distribuição de livros no Brasil. A obra *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*, de Elisabeth Rochadel Torresini, é também texto essencial para o desenvolvimento deste trabalho.

Livros de memórias de pessoas intimamente ligadas ao trabalho desenvolvido na Livraria do Globo e na Seção Editora são considerados nesta dissertação. Os relatos pessoais e, muitas vezes, de cunho emocional, trouxeram nova luz aos fatos e nos relembram que uma empresa, acima e tudo, é formada por pessoas movidas por desejos, aspirações e paixões. Dito isso, é importante ressaltar que duas obras formam a base para esse trabalho de “resgate da memória”. São elas: *A Globo da Rua da Praia* (2012) de José Otávio Bertaso, neto de José Bertaso e a obra *Um certo Henrique Bertaso* (1973), de Erico Verissimo, misto de livro de memórias e biografia e que enfoca o período em que o autor e Henrique Bertaso trabalharam juntos na Seção Editora da Livraria do Globo.

A fundamentação teórica está pautada na Teoria dos Polissistemas, de Itamar Even-Zohar. Essa teoria concebe a cultura como um grande sistema que, internamente, é constituído por outros sistemas paralelos. A dinamicidade entre eles, sua interação e sincronicidade são analisados e contrapostos com a finalidade de identificar as linhas de intersecção e, em alguns casos, de sobreposição entre esses sistemas e os resultados por ele gerados. Even-Zohar (1990, p.23) nos apresenta, em síntese, o sistema literário como sendo “a rede de relações hipotetizada entre uma certa quantidade de atividades chamadas ‘literárias’, e conseqüentemente, essas atividades observadas através dessa rede.”

O polissistema literário, principal objeto de estudo do teórico, tem como objetivo analisar o desenvolvimento do texto literário e o espaço que ele ocupa junto a um

repertório canônico e seus respectivos sistemas relacionados. Fazer parte de um cânone atribui *status* de qualidade e excelência, mas segundo os estudos de Even-Zohar não é fator determinante: há outros sistemas que visam atividades e interações com outros sistemas.

Even-Zohar adaptou a teoria de Roman Jakobson, segundo a qual todo ato de comunicação envolve contexto, código, remetente, destinatário, contato e mensagem. Even-Zohar equipara esses componentes, com uma certa liberdade, aos atores que constituem o polissistema literário, respectivamente: instituição, repertório, produtor, consumidor, mercado e produto. Dessa forma, o contexto externo ao texto literário deve ser levado em conta, pois todos esses elementos em conjunto constituem um ato de comunicação. Ao longo do desenvolvimento deste trabalho os elementos do polissistema literário de Even-Zohar serão conceituados e relacionados com o tema proposto para esta dissertação.

No primeiro capítulo, intitulado “Entre livros e a linotipo: nasce a Livraria do Globo”, daremos a conhecer a história da criação da Livraria do Globo e as atividades desenvolvidas desde a sua fundação. Recupera-se a história dos primeiros proprietários e, com o passar dos anos, a ascensão do patriarca da família Bertaso, José, de funcionário para sócio-diretor, e a contribuição de sua família – em especial, Henrique D’Ávila Bertaso, seu filho primogênito, e futuramente seu neto, José Otávio Bertaso, na administração da empresa. Neste mesmo capítulo trataremos da criação da *Revista do Globo*, quinzenário que fez história no estado do Rio Grande do Sul e alcançou visibilidade no Brasil, divulgando a vida sociocultural sul-rio-grandense e, futuramente, o catálogo da Seção Editora, sobre o qual dissertaremos também nesse capítulo. A criação desse departamento da empresa e a parceria que se estabeleceu entre Henrique Bertaso e Erico Verissimo originaram as fundações do que viria a ser a maior editora do sul do País. O método de trabalho empregado por ambos – os critérios de escolha de títulos para o catálogo, os desafios que enfrentaram para tornar a Seção Editora como financeiramente viável para a empresa – e a criação do *DIL (Departamento de Divulgação Literária)* da Livraria do Globo, que tinha como maior objetivo divulgar as obras do catálogo da casa publicadora, também serão temas abordados nesse capítulo.

No segundo capítulo, sob o título “As coleções da Editora do Globo”, trataremos sobre a criação das coleções da Livraria do Globo: são destacadas quatro delas e

cada uma constitui um subcapítulo. Para esse trabalho foram selecionadas quatro coleções: *Amarela*, *Universo*, *Nobel* e *Biblioteca dos Séculos*, pelo caráter inovador – tanto em abrangência de público quanto em relevância literária junto ao mercado nacional. Ao longo da pesquisa, abordaremos os desafios enfrentados pela empresa, desde os critérios de escolha para o catálogo até a motivação por trás da criação de cada coleção.

As coleções *Amarela* e *Universo* são escolhidas por se tratarem de investimentos editoriais inovadores e rentáveis. Ao longo dos capítulos, dissertaremos sobre as motivações que levaram a equipe editorial da Globo a apostar em obras do gênero literário romance policial e aventura. No que se refere às coleções *Nobel* e *Biblioteca dos Séculos*, ambas tiveram como objetivo maior o valor literário das obras publicadas e o pioneirismo em trazer para o público brasileiro obras de autores ainda desconhecidos no país. Outro aspecto que será tratado nesses capítulos é o esforço empregado pela editora no sentido de que todas as etapas do trabalho da equipe editorial fossem pautadas pela excelência. Também trataremos sobre a questão dos investimentos que a Seção Editora fez no quesito tradução das obras adquiridas para o catálogo.

O terceiro capítulo, “Entre a editora e a revista: nasce um sistema”, enfoca a composição textual e iconográfica vinculadas à divulgação das publicações voltadas ao universo literário na *Revista do Globo*: de que forma eram feitos os anúncios e a divulgação das coleções e como era a abordagem feita ao público leitor da publicação com a finalidade de apresentar-lhes um novo produto. As imagens e ilustrações servirão de ilustração para a análise. Constituem, ainda, partes componentes desta dissertação a seção Referências e Anexos. Essa última reúne reproduções de anúncios da *Revista do Globo*.

1 ENTRE LIVROS E A LINOTIPO: NASCE A LIVRARIA DO GLOBO¹

O imigrante português Laudelino Pinheiro de Barcellos, morador de Viamão, caminhava pela zona central da cidade de Porto Alegre com uma finalidade: escolher o ramo comercial no qual investiria suas parcas economias. Seu desejo era firmar-se na capital da mesma forma que seus conterrâneos haviam feito como proprietários de padarias, mercados, confeitarias, cafés e hotéis. A cidade estava em pleno crescimento e as opções de investimento eram variadas. A inspiração veio quando Laudelino mirou a fachada da imponente Gundlach, que, juntamente com a Americana, eram as duas maiores livrarias de Porto Alegre e já haviam se consolidado como pontos de encontro de políticos e intelectuais. Laudelino Pinheiro de Barcellos estava decidido: seria proprietário de uma livraria.

Laudelino dosou “a capacidade de sonhar com muita audácia e pouco dinheiro”² e, em dezembro de 1883, no número 268 da Rua da Praia (hoje dos Andradas), inaugurou a Livraria do Globo juntamente com o sócio, o também português chamado Saturnino Alves Pinto. Alugaram um prédio baixo, com somente duas portas e uma vitrine. A empresa recebeu a razão social L.P. Barcellos & Cia, passando a oferecer aos seus clientes livros e produtos de papelaria.

O expediente era longo: a loja atendia das 6h30 às 22h de segunda a sábado e também aos domingos, das 13h30 às 20h. Além disso, a receita proveniente da diminuta clientela que atendiam não cobria os custos que o empreendimento gerava. Laudelino – que tinha como características marcantes a persistência e a paciência –, em face ao desânimo de seu sócio propôs uma diversificação comercial: comprariam uma caixa de tipos, duas máquinas de impressão (uma manual e outra movida a gás) e contratariam um oficial tipógrafo. Nos fundos do prédio de estilo colonial, poderiam instalar uma pequena, mas eficiente oficina tipográfica. Dessa forma, forneceria também serviços gráficos por encomenda. A ampliação das atividades comerciais proporcionou uma sobrevida à empresa e possibilitou a compra do imóvel antes alugado,

¹ Para a elaboração deste capítulo foram utilizadas as obras de MACHADO (2009), HALLEWELL (2012), BERTASO (2012) e TORRESINI (1999). As referências completas dessas obras encontram-se na seção “Referências” desta dissertação.

² MACHADO, Ubiratan. *Pequeno guia histórico das livrarias brasileiras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p.85.

aumentando assim o patrimônio de Laudelino. A despeito, porém, da boa fase, Saturnino estava insatisfeito com o baixo retorno de seu investimento e decidiu desfazer a sociedade e ir em busca de oportunidades que considerava mais lucrativas.

Em uma tarde de 1890, um menino de 12 anos chamado José Bertaso - nascido em Verona e filho de imigrantes italianos -, é apresentado a Laudelino por meio de uma prima que atuava como professora em Canoas, na época uma vila vizinha a Porto Alegre. O menino, garantia a professora, era aluno aplicado, compenetrado, com boa caligrafia e muito inteligente, mas precisava deixar os estudos para trabalhar e ajudar a família. Experiência profissional José já possuía: seu primeiro trabalho havia sido em uma fábrica de fumo em Cachoeira do Sul quando tinha oito anos de idade. Laudelino estava satisfeito com as referências e o contratou para trabalhar na Livraria do Globo. José atuaria como uma espécie de “faz-tudo”: varredor, servente e menino de recados que deveria estar sempre a postos para executar quaisquer tarefas que lhe fossem atribuídas. Seu salário era de dez mil-réis ao mês e, além do pagamento, tinha direito à moradia e alimentação que seriam fornecidas pelo empregador.

Ambos ainda não sabiam, mas acontecia ali um encontro que mudaria para sempre a vida dos envolvidos. O espírito empreendedor de Barcellos e a capacidade de trabalho de José Bertaso seriam elementos complementares para os rumos que a Livraria do Globo tomaria nos anos vindouros.

José Bertaso viria a conhecer a Livraria do Globo como a palma de sua mão devido à própria ascensão profissional: de menino de recado a faz-tudo, assumiu também cargos de caixeiro, chefe de loja, administrador das oficinas e, finalmente, gerente. Aos 24 anos ele havia se tornado o braço direito de Laudelino e um grande conhecedor da clientela porto-alegrense no que se referia aos serviços oferecidos pela livraria.

Laudelino, antenado ao mercado editorial da época, investiu em um acervo que contemplava um público variado:

Nas prateleiras da livraria, os títulos que o gosto variado do público pede e que o “faro” comercial de Laudelino logo detecta: traduções de autores franceses (Alexandre Dumas Filho, Émile Zola, Victor Hugo), escritores clássicos portugueses (Camilo, Herculano, Guerra Junqueiro), alguns brasileiros para os adultos (poesias de Castro Alves, romances românticos de Macedo e Alencar, um pouco de Machado). Folhetins sentimentais ou de capa-e-espada (*História de um Beijo* de H.P. Escrich, *O Conde de Camors* de Octave Feuillet, os *Amores de um Toureiro* de Theophile Gautier, o *Derradeiro Amor* de George Ohnet) para os rapazes intrépidos e as “gurias” românticas... Sem contar os livros didáticos, de venda garantida, e os sempre best-sellers: *Moderna Caligrafia*, *Cartas Comerciais*, *Cartas Familiares*, *Cartas de Amor...* (AMORIM, 2000 p. 22–23)

Segundo Machado (2009, p.85), “no início do século XX, a empresa estava forte o suficiente para investir pesado no ramo de papelaria e ampliar o estoque de livros”, fato que preocupava as livrarias concorrentes. O sucesso dos serviços prestados pela Livraria do Globo estava em seu acervo variado e na excelência no atendimento aos clientes.

Em 1909, a Livraria do Globo – graças ao olhar atento de seus diretores às novas tecnologias desenvolvidas nos Estados Unidos e Europa – deu um passo à frente de seus concorrentes e adquiriu a primeira linotipo do Estado. A “máquina maravilhosa”, como ficou conhecida entre os intelectuais, quase sempre não estava em uso devido à precariedade da rede de energia elétrica que havia sido implantada em Porto Alegre em 1907.

Outro exemplo de visão comercial acertada de José Bertaso foi a compra de papel para revenda. De acordo com Hallewell (2012, p.434), o italiano, antevendo a eminente escassez de matéria-prima que a Primeira Grande Guerra causaria, conseguiu grande lucro ao se abastecer de papel tanto para uso próprio quanto para revenda.

A Livraria do Globo aprimorou e ampliou os trabalhos gráficos oferecidos: em sua cartela de clientes constavam empresas e repartições públicas que frequentemente solicitavam seus serviços e adquiriam seus produtos; a diversificação das atividades culminou na publicação do *Almanaque do Globo*, em 1917, primeiro empreendimento editorial da casa. O conteúdo do anuário consistia em curiosidades sobre conhecimentos gerais e a publicação de textos de escritores sul-rio-grandenses, estreates em sua maioria. Toda a parte gráfica do *Almanaque* era coordenada por João Pinto da Silva. Mais tarde juntou-se a ele Mansueto Bernardi, italiano de Treviso, afeito à prosa e ao verso e que, a princípio, fora contratado como administrador do escritório. Por conta de seu interesse e identificação com o segmento cultural, Mansueto dava orientações acerca do conteúdo da publicação.

Em dezembro de 1917, Laudelino Pinheiro de Barcellos faleceu no Rio de Janeiro e José Bertaso foi promovido a sócio-diretor e essa transição mudou a razão social da empresa para Barcellos, Bertaso & Cia.; a loja e gráfica eram geridas pelos herdeiros que respondiam por esses setores da firma. José Otávio Bertaso, neto do diretor, relembra em seu livro de memórias *A Globo da Rua da Praia* os motivos pelos quais José era o candidato natural para o posto, pois a “experiência prática de seus

28 anos de serviços e o tino comercial de meu avô foram fatores decisivos para que ele, desde logo, assumisse a direção da casa”

(Bertaso, 2012, p.60).

José, o menino de recados dos primórdios, havia chegado a sócio da empresa a qual ajudara a prosperar. Estava inaugurada a “Era Bertaso”: pelas décadas seguintes a imagem da empresa estaria intimamente ligada àquela família de ascendência italiana que mostraria, com o passar dos anos, ser a alma e o coração da Livraria do Globo.

1.1 A EMPRESA

A partir da segunda metade da década de 1920 a Livraria do Globo se consolida como ponto de encontro de personalidades que se reuniam às suas portas para conversar, apreciar o movimento da Rua da Praia e conferir as novas aquisições literárias do acervo. Um dos *habitués* era Getúlio Dorneles Vargas que, mesmo depois de eleito presidente do Rio Grande do Sul, ainda seguia encontrando o grupo na Rua da Praia, 268. O Secretário do Interior, Oswaldo Aranha, era outro frequentador assíduo. Em suas visitas ao gabinete de José Bertaso, ambos o instavam a criar uma revista moderna em sua concepção e que desse destaque à efervescência cultural e social de Porto Alegre.

Outras publicações haviam buscado trilhar esse caminho, tais como *Kodak*, *Máscara*, *Madrugada* e *Cosmos*, mas naufragaram com poucas edições. Em uma “Nota de Homenagem” constante no primeiro número da *Revista do Globo*, em 5 de janeiro de 1929, Mansueto Bernardi agradeceu a Getúlio Vargas e a Oswaldo Aranha pelo apoio e estímulo dados, desde os primórdios, para a criação da revista:

Nasceu a sugestão de se fundar uma revista moderna e digna do nosso ambiente cultural de uma palestra entre ambos em que se comentava mais uma vez o seguinte caso excêntrico: uma capital de ritmo quase cosmopolita, com quatrocentos mil habitantes, centros de cultura, vida social intensa, incapaz de alimentar a esperança nos destinos de uma simples revista. (...) O caso a resolver seria então uma empresa forte, disposta a capitalizar a tentativa, englobando tudo no mesmo sistema interno. O Sr. José Bertaso, lição viva da combatividade, ofereceu a garantia do capital como a única solução segura e transformou, portanto, a simples possibilidade numa realização bem compreendida. Sem aquela sugestão, a que nos referimos, teria saído hoje o primeiro número? (TORRESINI, 1999, p.58)

Mansueto Bernardi inaugura a publicação com o artigo “Preâmbulo” no qual conta aos leitores da recém-nascida revista pormenores de sua criação. A escolha do nome, por exemplo: *Coxilha* foi o primeiro a ser cogitado “por ser a mais perfeita representação física do Rio Grande” e por representar “ânsia de movimento, sede de altura, avidez de horizonte, impulso de sublimação.”³ Outras denominações também foram consideradas: *Charla, Querencia, Renascimento, Pampa, Guahyba, Sul e Piratiny*. Mansueto Bernardi (1929, p.9) chama a atenção do leitor para a sugestão óbvia de título que vinha por parte dos amigos e frequentadores da livraria e que, até pouco antes do lançamento, a empresa havia ignorado.

Enquanto se perdia ou ganhava tempo, questionando, com frequência se nos perguntava na rua: - Quando sae a revista do Globo?

Foi daí que proveio o nome afinal imposto a este quinzenário.

Este título que contentou a todos, não o lembrou nenhum de nós. Foi, por assim dizer, o próprio povo que o sugeriu. E foi aceito por dois motivos: primeiro, porque caracteriza a filiação econômica, o laço de parentesco íntimo da revista com a livraria e casa editora, de que tem irradiado a maior parte de movimento intelectual rio-grandense destes últimos anos: segundo, porque a revista ambiciona ser um aparelho de recepção e transmissão, no Estado, de todas as ondas notáveis do pensamento contemporâneo.

A conjunção socioeconômica e política de Porto Alegre, aliadas ao já notado empreendedorismo da empresa, impactaram o segmento editorial, local e nacionalmente. Mansueto Bernardi seria o paladino nesta nova empreitada da livraria. Em seu livro, Hallewell (2012, p.434) traz um panorama sobre o novo e crescente mercado editorial sul-rio-grandense que floresceu a partir da aquisição da máquina linotipo da Livraria do Globo. Por meio desse maquinário, autores regionais puderam ter suas obras publicadas e vieram a ser, segundo o autor, “de certo modo, a contrapartida gaúcha do movimento modernista de São Paulo.” O diretor da revista antevê um vasto horizonte de oportunidades para a editora:

Mansueto Bernardi [...] que dirigia o departamento de propaganda, tinha ideias muito mais ambiciosas, que anteviam a Globo como uma editora de alto nível nacional e mesmo internacional. Essas ambições grandiosas não eram bem recebidas por seu patrão, que via no setor editorial a parte financeiramente mais duvidosa do negócio. Não obstante, Bernardi conseguiu fazer a firma dar os primeiros passos rumo a um mercado mais amplo, publicando alguns títulos traduzidos, a maior parte da Itália, Espanha e França.

Respalado por escolhas editoriais acertadas – a biografia de Napoleão, por Emil Ludwig, por exemplo, foi um sucesso de vendas - e pela criação de uma equipe

³ BERNARDI, Mansueto. Revista do Globo, 5 jan., 1929, v.1. p.9.

de profissionais ligados aos ramos gráficos e editoriais (revisores, tradutores e ilustradores), o empreendimento parecia estar fadado ao sucesso.

No “Preâmbulo”, artigo escrito pelo diretor no primeiro número da revista, ficam evidentes as tendências que a empresa desejava desenvolver em todos os segmentos editoriais, relacionando o nome dado à publicação aos objetivos que esperavam alcançar:

Revista do Globo, porque se propõe registrar e divulgar, com o auxílio da Livraria do Globo, tudo o que no Rio Grande houver e doravante ocorrer, digno de registro e divulgação.

E ainda Revista do Globo porque deseja constituir uma ponte de ligação mental e social entre o Rio Grande e o resto do mundo. Cumpre que irradiemos para além das próprias fronteiras as nossas idéas.

Cumpre que nos demos a conhecer melhor.

[...]

Cumpre que saibamos o que se faz, o que se diz, o que se pensa, o que se inova e se renova, longe de nós e em torno de nós. (REVISTA DO GLOBO, 1929, p.1)

Even-Zohar (1990, p.27), em sua Teoria dos Polissistemas, identifica relações dinâmicas e interdependentes entre os elementos que compõem o Sistema Literário. Esses elementos são por ele estabelecidos como Instituição, Repertório, Produtor, Consumidor, Mercado e Produto e suas inter-relações são definidas pela mobilidade hierárquica a qual estão sempre sujeitos. O teórico nos dá um exemplo desse tipo de relação dinâmica e hierárquica:

Assim, um CONSUMIDOR pode “consumir” um PRODUTO produzido por um PRODUTOR, mas para o “produto” ser gerado (o “texto”, por exemplo), deve existir um REPERTÓRIO comum, cuja possibilidade de uso está determinada por uma certa INSTITUIÇÃO. E deve existir também um MERCADO no qual ele possa ser transmitido. Na descrição dos fatores enumerados, não se pode dizer de nenhum deles que funcione separado, e a classe de relações que podem ser detectadas cruza todos os possíveis eixos do esquema. (EVEN-ZOHAR, 1990, p.30)

Em outras palavras: a Instituição (empresa) que deseja ter o seu Produto (no caso, as publicações) que foi elaborado por Produtores (escritores e/ou uma equipe de redação) ser adquirido pelo Consumidor (leitores, neste caso) necessita ter um Repertório (uma linguagem e/ou modelo) pelo qual esses produtos literários serão identificados pelo público que deseja acessá-los. A demanda do Mercado é essencial, mas a “sintonia fina” com o consumidor é um dos elementos que movimenta e propuliona a engrenagem dos negócios. É importante também ressaltar que a heterogeneidade dos elementos não elimina a relação hierárquica existente entre eles. (Even-Zohar, 1990, p.5).

O olhar arguto dos fundadores da Livraria do Globo possibilitou que a empresa viesse a fazer parte do universo literário da cidade de Porto Alegre. De forma gradativa, migraram de fornecedores de livros de outras casas publicadoras para terem, eles próprios, uma editora que publicaria livros e a revista que viria a habitar no imaginário sulino – e, por que não dizer, nacional – como um marco da publicação no ramo das variedades: a *Revista do Globo*.

O globo terrestre simbolizava o ideal que a Livraria do Globo se propunha a alcançar juntamente com a sua mais nova publicação: trazer o mundo para os leitores do Rio Grande do Sul, além de inserir o Estado no circuito de publicações relacionadas às variedades, à vida social e à cultura em nível nacional – fazendo frente às demais publicações relacionadas aos temas, em especial as do sudeste do Brasil – e, quiçá, outros países: a sorte estava lançada. Em 5 de janeiro de 1929 era lançado o número 1 da *Revista do Globo* e que trazia como subtítulo “*Quinzenário de cultura e vida social*”, prenunciando um novo horizonte para as atividades comerciais da empresa.

1.1.1 A REVISTA DO GLOBO

A *Revista do Globo* foi recebida com alarde e entusiasmo pela comunidade cultural de Porto Alegre. O *Correio do Povo*, em sua edição de janeiro de 1929, publicou uma nota sobre o primeiro número do novo periódico:

Circulará sábado próximo, 5 do corrente, a Revista do Globo, sob orientação do escritor Mansueto Bernardi. Contando com um brilhante corpo redatorial e com a colaboração dos mais conhecidos homens de letras do Estado, a nova publicação, que será quinzenal e de luxo, destina-se a um completo êxito. O fato de ser uma edição da Livraria do Globo assegura-lhe, desde logo, uma vida vitoriosa.⁴

No entanto, as condições políticas vivenciadas pelo País, logo provocariam mudanças no cenário estadual. A Revolução de 1930 encabeçada por Getúlio Vargas o alçaria à Presidência da República e projetaria o Rio Grande do Sul para o cenário nacional. O novo presidente decidiu investir na valorização da cultura brasileira, na massificação dos bens culturais e na comunicação. Cargos políticos notadamente importantes foram preenchidos por pessoas de confiança de Getúlio Vargas. Uma delas

⁴ *Correio do Povo*, edição de 3 de janeiro, 1929, p.4, conforme citado por AMORIM, 1999, p.35.

foi Mansueto Bernardi, que deixou a direção da *Revista do Globo*, em 1931, para assumir a da Casa da Moeda, no Rio de Janeiro. Era necessário, portanto, indicar um editor que respondesse aos propósitos da publicação. O nome encontrado foi Erico Verissimo.

Erico Verissimo, natural de Cruz Alta, já havia colaborado com um conto, *Ladrão de gado*, que fora publicado: sua estreia literária, segundo Torres (2012.p.13) aconteceu em 16 de março de 1929, no número 6 da *Revista do Globo* e estava em Porto Alegre à procura de emprego. Em visita à Livraria do Globo, encontrou-se por acaso com Mansueto Bernardi. O ex-diretor ainda não havia contratado um substituto para a sua função e, recordando as habilidades artísticas de Erico (que além de escrever, também traduzia e ilustrava), o convidou para ocupar o cargo. Verissimo estava recém-casado e havia se mudado para a cidade e, devido à urgência da situação e na falta de melhores opções, o futuro romancista aceitou a oferta de emprego como editor da *Revista do Globo*. Suas funções, porém, não se limitaram à direção do periódico. O cruz-altense colaborava em diversos setores: escrevia contos e crônicas, traduzia textos diversos e era responsável por todas as ilustrações da revista.

A “pirataria” em publicações brasileiras era prática corrente e amplamente adotada nas casas editoras: obras literárias completas e artigos jornalísticos eram traduzidos de publicações estrangeiras – estadunidenses, europeias e sul-americanas - sem o devido pagamento dos direitos autorais, pois ainda não existia uma regulamentação específica. A justificativa das editoras era a falta de verba para remunerar uma equipe.

Não era somente a “pirataria” que habitava as páginas das publicações brasileiras: muitos “escritores colaboradores” foram inventados por editores devido à carência de material nacional para compor o conteúdo de suas revistas. Verissimo (1973, p.57-58) cita alguns pseudônimos que ele mesmo criou como autores de contos da *Revista do Globo*, como Gilbert Sorrow, Dennis Kent e Gilberto Miranda, como relatou:

Até hoje de vez em quando alguém nos pergunta quem é Gilberto Miranda, que há tanto tempo trabalha para a Globo. Ora, trata-se duma “personalidade de conveniência” que inventei, uma espécie de factótum literário. Se uma equipe anônima organiza um livro ou escreve um ensaio e precisamos de um *nome* para aparecer como autor dessas tarefas, convocamos Gilberto Miranda que, assim, tem sido, além de tradutor, especialista em crítica literária, modas femininas e masculinas, trabalhos manuais, política internacional, História Natural, Psicologia, etc., etc. Gilberto Miranda não tem idade. Nestes

últimos quarenta anos, Henrique e eu temos ficado mais velhos, mas o infernal Miranda continua jovem: tem sempre trinta anos, a mesma cara, a mesma disposição para o trabalho e continua a ser suficientemente cínico (ou prático) para emprestar seu nome a qualquer empreendimento literário, por mais medíocre que seja...

O trabalho improvisado e feito às pressas era desgastante para todos os setores envolvidos. A inventividade dos editores – alimentada pela necessidade de produzir conteúdo para os periódicos – produziu situações, no mínimo, divertidas. Erico compartilha conosco uma delas:

Tudo na redação tinha de ser feito às pressas. Às vezes, folheando revistas americanas, eu descobria nelas ilustrações que me agradavam. Mandava então transformá-las em clichês. Prontos estes, invertendo o processo habitual, eu inventava um conto que se adaptasse às estampas e firmava-o com um nome suposto. Uma dessas histórias, Lama das Trincheiras, trechos do diário dum soldado inglês da primeira Grande Guerra, pasticho visível de Remarque, foi publicada numa revista argentina, pirata como a nossa, e cujo redator fabricou uma biografia para o autor do conto, Gilbert Sorrow, criatura que existia apenas na minha imaginação ou, melhor: era apenas um nome sem corpo, sem alma, sem passado e sem futuro, pois, que eu saiba, o escritor-fantasma não escreveu mais nada. Com frequência os nossos paginadores me telefonavam da oficina, comunicando-me que necessitavam de matéria para encher um espaço vazio de alguns centímetros, no fim de uma página. “Espere um minuto” – dizia eu. Punha papel na máquina de escrever e improvisava um poema à maneira oriental, atribuindo-o a um poeta árabe, chinês, japonês ou persa, todos imaginários, e mandava-o para o linotipista. Não raro vinha lá de baixo um chamado aflito: “Faltam ainda cinco linhas! ”. Eu então ditava pelo telefone os versos suplementares em que apareciam amendoeiras floridas, cálidas areias do deserto, rosas dos jardins do Alhambra, luas sobre o Ganges... “Chega?” Havia uma pausa. “Agora tem uma linha sobrando...” – dizia o paginador. “Bom, tire fora essa flor de lótus. Faça ponto onde se lê *desceu ao jardim*”.⁵

Fica evidente o viés “artesanal” do trabalho de Erico Verissimo como editor da Revista do Globo”. Por motivos de força maior – falta de recursos financeiros para a ampliação do quadro funcional – Erico preencheu essas lacunas com a própria inventividade, característica que, futuramente, o consagraria como um dos maiores escritores brasileiros.

Even-Zohar (1990) compreende que a produção literária não se resume somente a este fim, mas que também engloba a reprodução e a interpretação de textos já produzidos. O teórico amplia a definição para produtores literários quando afirma:

Pode ser útil pensar os “textos” como o resultado último da atividade do produtor literário, mas, por outro lado, o papel de gerador de textos na soma total da produção pode de fato ser bastante pequeno: em períodos e culturas, por exemplo, nos quais a tarefa principal do produtor literário é interpretar ou recompor textos estabelecidos, ou quando a “mercadoria principal” aberta e ofi-

⁵ VERISSIMO, Erico. *O escritor diante do espelho*, em *Ficção completa*, Rio de Janeiro, Aguilar, 1967, v.3, p. 49-50, conforme citado por AMORIM, 1999, p. 36.

cialmente só é “o texto”, mas na realidade, a verdadeira mercadoria se encontra em uma esfera sociocultural e psicológica completamente diferente: a produção política e também interpessoal de imagens, estados de ânimo e opções de ação. (EVEN-ZOHAR, 1990, p.32)

A despeito da apropriação de ideias envolvida na criação da publicação, o empenho e a criatividade que Erico empregava como editor eram admiráveis. A alta qualidade das ilustrações era muito elogiada pelos leitores: algumas delas eram criadas pelo editor e outras reproduzidas das revistas internacionais. No entanto, Verissimo não nutria interesse pelo trabalho que realizava na *Revista do Globo*: considerava seu desempenho abaixo da média e o resultado do trabalho como um todo pouco satisfatório.

A *Revista do Globo* era uma publicação de cinquenta e seis páginas que retratava a vida social de Porto Alegre e, eventualmente, divulgava eventos sociais enviados por leitores de todo o Estado que, além disso, também encaminhavam à revista suas contribuições literárias. Com periodicidade quinzenal e tiragem de oito mil exemplares a cada edição, Verissimo (1973, p.24-25), ao escrever sobre sua rotina de trabalho como editor na *Revista do Globo*, relembra:

Um gerente prático havia me prevenido contra o perigo de publicar muita “literatura”, pois o importante era fazer uma revista popular, com muitas figuras – retratos dos assinantes, o galante menino tal, a bela senhorita fulana, rainha do Clube Recreio de Muçum, ecos do carnaval de Cacimbinhas ou São Sepé. Publicávamos também sonetos da autoria de coronéis reformados ou coletores aposentados que acontecia serem bons fregueses da Casa, circunstância em que o que menos importava era a qualidade literária dos versos...

Ainda inspirado pelo direcionamento literário dos primórdios de Mansueto Bernardi, Erico acreditava que a *Revista do Globo* poderia assumir uma faceta mais literária – quem sabe até como divulgadora das obras que, timidamente, estavam sendo publicadas pela Seção Editora. A experiência como editor havia lhe apontado caminhos que ele desejava seguir na publicação. Verissimo ainda não sabia, mas um novo colega de trabalho assumira o departamento editorial e tinha planos de expansão e modernização para o setor de publicações: Henrique D’Ávila Bertaso, conhecido pelo entusiasmo e o amor que, desde sempre, dedicara aos livros. O filho mais velho de José Bertaso é assim comentado por Erico Verissimo (1973, p.8):

Foi assim tomando um gosto especial pelos livros e começando, imagino, a gozar desse esquisito prazer tátil, quase sensual, que o bibliógrafo sente quando segura, apalpa, cheira um volume. Aprendia também que cada livro tem uma *individualidade*, como as pessoas, uma certa espécie de alma e a capacidade de comunicar-se com os homens. Em suma, não se trata apenas

de *papel impresso*. É que já existia em Henrique Bertaso o germe do futuro editor.

Juntos, Henrique e Erico formariam uma das parcerias editoriais que fariam história, não só no Rio Grande do Sul, mas no Brasil. Ambos, porém, ainda não sabiam disso.

1.1.2 A SEÇÃO EDITORA

Henrique D'Ávila Bertaso, primogênito de José Bertaso, iniciou sua carreira na Livraria do Globo bem cedo: aos quinze anos já era caixeiro na empresa familiar por decisão do pai, pois não era muito afeito aos estudos e não estava conseguindo se adaptar ao Colégio Anchieta, onde estava matriculado em Porto Alegre. Assim como José Bertaso, fez sua trajetória por todos os departamentos da empresa chegando a encarregado do setor de livros. Seu interesse pelo crescente mercado editorial, sua memória privilegiada e a observação do comportamento leitor de seus clientes foram determinantes para a sua promoção ao cargo de responsável pelo departamento editorial após a saída de Mansueto Bernardi.

Bertaso e Verissimo dividiam a mesma sala de trabalho com as mesas separadas somente por uma divisória de madeira. O trabalho que ambos solitariamente desenvolviam em alguns momentos se entrecruzavam: uma sugestão de Henrique para um artigo na *Revista do Globo*; uma indicação literária acolá feita por Erico, grande leitor de literatura contemporânea, em especial a estadunidense e a inglesa. A predileção de Erico por aquelas literaturas ia ao encontro dos planos que Henrique tinha para a editora: o de ampliar o catálogo com autores estadunidenses e europeus, além dos regionais que já tinham espaço garantido na casa. Henrique desejava tornar realidade o sonho acalentado desde a época de Mansueto Bernardi: que a Livraria do Globo fosse uma casa editora de âmbito nacional.

Bertaso (2012, p.25) reflete sobre os desafios que seu pai, Henrique, tinha à frente do departamento editorial:

A perspectiva que a seção editora da Livraria do Globo tinha diante de si era criar linhas editoriais inovadoras. No Brasil, muito pouco se traduzia, no campo da literatura, fora da língua francesa. A opção era introduzir autores contemporâneos de língua inglesa e até alemães e italianos - sem abandonar o gosto nacional pela cultura francesa. Para contrabalançar, além de autores regionalistas, dever-se-ia expandir as oportunidades de publicação a autores

brasileiros de maneira geral. A fim de conquistar o grande público, a saída eram os romances policiais e de aventuras. Para as mulheres, ainda concentradas na vida do lar, poderiam ser lançados romances de amor, a chamada literatura rósea.

Empenhado e interessado, Henrique assinava e lia – com a ajuda de um dicionário e de seu rudimentar vocabulário do inglês proveniente de alguns anos de estudo ginásial – revistas inglesas e americanas especializadas no mercado editorial, como a *Publishers Weekly*. Notando o domínio da língua inglesa que seu colega de sala tinha por conta das traduções que fazia para a revista, Bertaso vislumbrou em Verissimo a possibilidade de uma parceria exitosa.

A oportunidade de aumentar seus rendimentos como tradutor agradou a Verissimo, assim como a possibilidade de trazer para o mercado editorial brasileiro autores contemporâneos de projeção internacional. Henrique e Erico pesquisavam em publicações especializadas indicações para o novo catálogo que pretendiam criar. Em 1933, Verissimo apresentou ao editor uma sugestão de tradução: *Counterpoint*, do inglês Aldous Huxley. O autor havia feito a leitura por indicação de Augusto Meyer e acreditava que a obra traria prestígio para o catálogo da editora. Verissimo (1973, p.41) relembra os questionamentos feitos a ele por Henrique:

- Que gênero?
 - Romance: Literatura para uma elite. Mais de 400 páginas. - Quem vai traduzi-lo?
 - Eu mesmo.
- Mostrei-lhe o volume. Ele o folheou, coçou a cabeça, tornou a me olhar e por fim disse:
- Vou escrever ao nosso agente em Nova Iorque pedindo-lhe que nos consiga os direitos autorais sobre este “calhamaço”, com exclusividade para a língua portuguesa.

Tudo seguiu como o previsto e Erico ficou encarregado da tradução da obra, trabalho que levou oito meses para ser concluído. *Contraponto* foi publicado em 1935, mesmo ano no qual o romance de Verissimo, *Caminhos Cruzados*, foi lançado. A obra de Aldous Huxley é considerada um marco no catálogo da editora: uma aposta editorial que teve como critérios de escolha a qualidade e a modernidade da obra e que, segundo Verissimo (1973, p.42) se deu pelo fato de “Henrique Bertaso ter aceito a minha perigosa sugestão editorial. Verissimo (1973, p.42) relata que, até o ano da publicação de *Um certo Henrique Bertaso*, mesmo “passados quase quarenta anos”, o romance ainda era periodicamente reimpresso.

A habilidade de Erico como conselheiro literário estava mais do que evidenciada para Henrique: os talentos do cruz-altense seriam mais bem aproveitados na Seção Editora e um novo editor para a *Revista do Globo* deveria ser contratado. O colaborador De Sousa Júnior⁶ ocupou o cargo até o final de 1938, e, ao deixá-lo, indicou Justino Martins, jornalista e cunhado de Erico, que possuía todas as qualificações necessárias para desempenhar satisfatoriamente a função.

Com a promoção, Verissimo teve os rendimentos duplicados e, pôde, com certa tranquilidade, dedicar-se em paralelo à sua atividade literária. Para sua surpresa, somente muito tempo depois soube que o reajuste de seu salário foi, por anos, pago por Henrique Bertaso de seu próprio bolso. O motivo? O editor estava proibido de aumentar o quadro de funcionários da editora (Verissimo, 1973, p.40.)

Henrique intuía que, para o crescimento da editora, estratégias de publicidade deveriam ser implementadas, pois os lançamentos do catálogo precisavam ser divulgados de forma mais abrangente e satisfatória. Bertaso (2012, p.31), que mais tarde trabalharia com Henrique e Erico na editora, relembra que

Divulgar livros por meios publicitários, ou mesmo fazer anúncios em jornais, era algo muito dispendioso. Onerava demais o produto, pelo simples fato de que o preço de venda não comportava qualquer parcela extra sem tornar-se proibitivo.

Bertaso (2012, p.17-18) relata o *modus operandi* da divulgação editorial na segunda metade da década de 1930 e as estratégias que a empresa adotou para equilibrar as finanças: a solução veio por meio da criação do Departamento de Divulgação Literária (DIL) que funcionava também como uma agência de notícias. As negociações eram feitas via permuta por espaços publicitários em mais de trezentos jornais e revistas de todo o Brasil. Contos, artigos, crônicas e passagens de livros traduzidos - boa parte deles de jornais estrangeiros e que haviam sido adquiridos pela casa -, e que interessavam, e muito, as publicações brasileiras dada a escassez de mão de obra e de material humano para a produção de conteúdo.

⁶ Augusto Gonçalves de Sousa Júnior (1896-1945) foi um escritor, tradutor e político brasileiro. Colaborou com diversos jornais e revistas do Rio Grande do Sul. Também foi diretor da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul entre 1928 e 1930. <https://pt.wikipedia.org/wiki/AugustoGonC3%A7alvesdeSousaJC3BAnior>, acesso em 31/10/2016.

Os assinantes eram órgãos de imprensa que recebiam um boletim quinzenal como serviço prestado e o material estava ao dispor para utilizá-lo desde que publicassem as capas dos livros da Livraria do Globo e suas respectivas resenhas. Todos os clichês montados para impressão – resenhas e capas dos livros - eram enviados pelo correio. Dessa forma, resolveu-se o impasse da divulgação e o catálogo da editora era promovido de forma satisfatória e rentável.

Outro tema delicado eram os autores sul-rio-grandenses publicados desde os primórdios da atividade editorial da casa. A Livraria do Globo sempre valorizara a cultura regional ao publicar autores locais com a intenção de projetar a literatura sulina no mercado nacional. Henrique acreditava na importância de se divulgar e, acima de tudo, prestigiar a literatura nacional. As decisões que um editor precisa tomar nem sempre são fáceis, como lembra Verissimo (1973, p.38), ao citar uma fala de Henrique:

- Se fazemos intensa propaganda dum livro (...) temos de carregar essas despesas no custo da edição, o que fatalmente encarecerá o preço da unidade. E como é que vamos convencer o público de que ele tem de ler também os autores nacionais?

José Bertaso estudava com cuidado os novos rumos editoriais que Henrique e Erico estavam propondo. Um dos primeiros projetos seria ofertar para o leitor brasileiro uma coleção composta por autores contemporâneos de literatura policial estadunidense e inglesa. Os filmes *noir* já eram garantia de “estouro” de bilheteria e o mesmo estava acontecendo com as novelas do mesmo gênero. Explorar este filão parecia ser o caminho comercial a ser trilhado caso a Seção Editora desejasse inovar no mercado editorial, oferecendo aos seus leitores gêneros literários e autores nunca antes publicados no Brasil.

Um horizonte, repleto de possibilidades editoriais, delineava-se para a Livraria do Globo de Porto Alegre e assinalava a perspectiva de consolidação de suas atividades no mercado nacional por meio da conquista de um novo público ávido por novidades da literatura contemporânea mundial, em especial as escritas em língua inglesa.

A literatura de massa ou *best-seller* apresentava-se como um caminho financeiramente rentável dada a abrangência do público que a consumia. Segundo Ferreira (2016, p.434), a definição desse tipo de obra é bem abrangente:

Os *best-sellers* são, em sua maioria: livros de ficção; contêm uma leitura agradável, no sentido de não exigir do leitor erudição; privilegiam um público amplo, mas que esteja dentro da lógica do mercado de consumo, ou que

possa ser capturado por ela; [...] o enredo surge por demandas e é circunstancial [...] Nessa circulação entre produzir/consumir/reproduzir, é que podemos chamá-los de literatura de massa, literatura de mercado, paraliteratura, ou mesmo, literatura comercial.

Verissimo (1973, p.73), ciente de seu papel como conselheiro literário, sabia que “uma editora desgraçadamente não podia e não pode ainda viver apenas de glórias culturais”, pois para assegurar um crescimento aliado à qualidade deve, para isso, ter um retorno financeiro respaldado pelos livros de venda garantida.

Tal como o José Bertaso “faz-tudo” dos primórdios da Livraria do Globo, Verissimo era o braço direito de Henrique Bertaso, o auxiliando em todas as etapas de seu trabalho como editor. Sobre as atribuições do escritor na Seção Editora, Amorim (1999, p.45-46) as identifica pontualmente:

- organização de programas e coleções;
- seleção de obras a serem traduzidas;
- recrutamento de tradutores;
- supervisão do trabalho de tradução;
- planejamento gráfico editorial: escolha de formato, tipologia etc.;
- orientação e supervisão do processo de criação das capas;
- definição dos títulos em português;
- lançamento do livro.

O perfil multifuncional de Erico Verissimo – editor, tradutor, conselheiro editorial e escritor – é, segundo Even-Zohar (1990), parte da dinamicidade, das relações hierárquicas e de poder do Sistema Literário:

Obviamente, esses produtores não estão confinados a um só papel na rede literária, mas podem, e de fato são empurrados a participar de um conjunto de atividades que, em certos aspectos, podem tornar-se parcial ou totalmente incompatíveis entre si. Não nos encontramos meramente com “um produtor”, ou tão só com um grupo de “produtores” individuais, mas com grupos, ou comunidades sociais, de pessoas envolvidas na produção, organizadas de diferentes formas e, em todo caso, não menos inter-relacionadas umas com outras que com seus consumidores potenciais. Como tais, constituem parte tanto da instituição literária como do mercado literário. (EVEN-ZOHAR, 1990, p.32)

Henrique Bertaso era um homem paciente, otimista e perseverante segundo Verissimo (1973, 71). Também possuía tantas outras qualidades que o tornavam especial:

[..] um visionário obstinado. Aguentava com calma e resignação as reprimendas, as desconfianças, os “estouros” paternos porque sabia com serena e lúcida certeza que estava trabalhando não para o momento presente, mas para o futuro. A Globo precisava formar um fundo editorial – livros de venda perene.

Henrique faria a junção de sua ampla experiência como profissional do livro – tudo o que havia aprendido, palmo a palmo, sobre cada departamento e função da casa – com seu talento inato para o ramo editorial. Unindo conhecimento e intuição, ao lado de Erico se tornaria um “construtor de coleções” que traria muito prestígio e retorno financeiro para a Seção Editora. Apesar da desconfiança de José Bertaso no que se referia aos novos rumos que Henrique pretendia dar à casa editora, o filho do italiano seguia impassível e confiante em seus propósitos. O mercado editorial e, em especial, o público leitor, testemunhariam, no devido tempo, que o “Bertasinho” estava certo.

2 AS COLEÇÕES DA EDITORA GLOBO

A parceria editorial Bertaso-Verissimo logo renderia projetos inovadores, apresentados aos sócios da empresa: Henrique era um deles, mas toda e qualquer decisão deveria ser aprovada pela diretoria que, na época, era composta por José Bertaso e os sócios Mário Barcellos e Oswaldo Rentzsch, filho e genro de Laudelino Pinheiro de Barcellos, respectivamente.

José Bertaso apoiava, dentro de limites seguros, as investidas do filho no departamento editorial. Ao seu ver, a Seção Editora não era ainda um segmento da empresa que justificava um financiamento substancial: os serviços gráficos vinham sendo, há anos, uma fonte segura de rendimentos para a Livraria do Globo.

Henrique era um “projeto de coleções”, segundo Verissimo. Coleções - estrategicamente falando – resolvem algumas questões comerciais e editoriais. Em primeiro lugar, a do custo: quanto maior a tiragem de um livro, mais barateada fica a sua produção. Em segundo lugar, havia o aspecto de fidelização do público leitor daquele gênero que, sabendo que o título lido pertencia a uma coleção, acompanharia os demais lançamentos para completá-la. Por outro lado, criar coleções era uma poderosa ferramenta a ser utilizada para a aquisição dos direitos das obras a serem traduzidas, pois mantinha o foco do departamento editorial nos escritores daquele segmento e poupava-lhes tempo em suas escolhas comerciais.

Todos os ventos pareciam estar a favor das empreitadas editoriais brasileiras, pois a situação econômica internacional pós-crise de 1929 aqueceu o mercado interno de publicações. O Brasil importava ficção traduzida de Portugal – em especial de editores de Lisboa e do Porto – devido ao advento dos acordos internacionais de proteção dos direitos autorais. Mesmo assim a quantidade não era vultosa, pois antes da Revolução de 1930, segundo Hallewell (2012, p.439) “o consumo de livros era, em geral, privilégio de uma elite a tal ponto galicizada em sua educação (pelo menos nas principais cidades: Rio, São Paulo, Recife, Salvador) que era praticamente bilíngue.” Além do português (brasileiro e de Portugal), a literatura em língua francesa também tinha um público cativo que a consumia.

A crise econômica mundial estava instaurada. A queda das exportações brasileiras de produtos primários – por exemplo, o café – foi vertiginosa, assim como a desvalorização da moeda nacional. O escudo português e o franco francês subiram: todo esse cenário tornava impeditiva a importação de livros portugueses e franceses.⁷

O livro brasileiro estava em pé de igualdade em termos competitivos com seus concorrentes franceses e portugueses, algo que não acontecia desde o início do século XIX. Dessa forma, uma grande oportunidade se ofertava para as editoras que desejavam trabalhar com ficção traduzida. Henrique Bertaso não estava alheio a esses fatos e vislumbrava as mudanças que seu negócio deveria fazer para atender essa demanda.

Verissimo (1973, p.26-27) escreveu sobre os anseios de Henrique em relação ao trabalho que desenvolviam na Seção Editora. O editor acreditava no potencial da casa, mas sabia que

a editora precisava ser reformada, modernizada, dinamizada, livrar-se de seu ranço provinciano. Primeiro queria provar ao pai e aos outros sócios da firma que era possível uma editora existir e prosperar neste extremo do Brasil.”

O contexto econômico nacional e internacional favorecia os futuros projetos da Livraria do Globo: um novo cenário no mercado editorial brasileiro estava a ser descortinado. Henrique e Erico tinham a sua frente caminhos a serem trilhados e, com entusiasmo, investiram toda a sua atenção para os novos projetos da Seção Editora.

2.1 COLEÇÃO AMARELA (1931-1956)

Em 1931, a *Revista do Globo* lançou a *Coleção Amarela* e os primeiros títulos publicados foram os do romancista inglês Edgar Wallace. Segundo Torresini (1999, p.70), os títulos da coleção eram “novelas policiais, de crime, mistério e aventura bastante populares, de autores praticamente desconhecidos no Brasil”, como Agatha

⁷ Segundo Hallewell, neste período o custo de um livro francês encarecera 600%, passando de um preço médio de 3\$000 (três mil réis) para 18\$000 (dezoito mil réis). Um romance brasileiro estava em torno de 6\$000 (seis mil reais, R\$ 738,00 reais hoje). Em uma conversão atual, os números seriam R\$369,00 e R\$2.214, respectivamente. Os valores podem assustar, mas para uma melhor compreensão vale lembrar que um professor secundário na virada do século XX tinha o salário por volta de 165\$000 (165 mil réis).

Christie, Sax Rohmer, Louis Wilton, S.S. Van Dine, Georges Simenon e Edgar Wallace, cujas obras se caracterizavam como uma literatura acessível, envolvente e direcionada para o grande público.

A resposta dos leitores foi imediata, dada a influência cultural estadunidense em total ascensão naquele momento: a *Coleção Amarela* mostrou-se um sucesso. Segundo Hallewell (2012, p.441):

a maior parte dos primeiros sucessos da Globo originou-se da mania anglo-americana de histórias policiais, que sua Coleção Amarela trouxe, em grande parte, para o Brasil, oferecendo traduções em português de E.C. Bentley, Raymond Chandler, Agatha Christie, Sidney Horler, E. Philips Oppenheimer, Ellery Queen, Sax Rohmer, Rex Stout, S.S. Van Dine e, mais do que qualquer outro, Edgar Wallace – além de um único autor de outro idioma, o valão (belga de fala francesa) Georges Simenon.

A literatura anglo-americana, novidade para o leitor brasileiro, passou a ser o carro-chefe da editora no que se referia às traduções e aquisições para seu catálogo. Verissimo dominava o inglês, o que viabilizava e muito o seu trabalho como tradutor. O aquecimento do mercado editorial anglófono era evidenciado – e acaloradamente recebido – pelas revistas especializadas. Bertaso e Verissimo, atentos aos sinais, faziam suas escolhas no vasto *menu* que a eles era apresentado pelos agentes literários que a editora possuía nos Estados Unidos. Esse procedimento facilitava as tratativas referentes à aquisição de direitos de publicação para a Livraria do Globo, algumas vezes exclusivos para a língua portuguesa.

O cinema foi um excelente propagandista da cultura norte-americana e Hollywood produziu filmes que se cristalizaram no imaginário cultural coletivo. Elementos infalíveis como o suspense, o mistério, a aventura, o drama e as paixões arrebatadoras arrastavam multidões aos cinemas, ávidas pelos enredos que consolidaram o cinema estadunidense e sua maestria na arte do entretenimento.

Parte desses filmes eram adaptações de livros, como, por exemplo, *...E o vento levou*, de Margaret Mitchell, obra publicada em 1936 e que teve sua adaptação fílmica levada às grandes telas no mesmo ano. Tanto o livro como filme foram sucessos de crítica e público e ilustram bem o fenômeno “livro que foi filmado”, assim como o poder que a indústria cinematográfica estadunidense passou a exercer no que se refere aos bens culturais direcionados para o grande público. Hallewell (2012, p.442) reflete sobre todos os possíveis fatores e conclui que

Qualquer que tenha sido a razão, esse fato assinala um estágio significativo no declínio da influência cultural francesa no Brasil e no surgimento da in-

fluência dos Estados Unidos, pois mesmo a inclusão de tantos autores ingleses não era mais que um reflexo da importância e prestígio de que gozavam então no cenário editorial norte-americano.

A literatura, sendo um bem cultural, possui seu aspecto sociocultural; estar a par dos lançamentos e lê-los, por exemplo, automaticamente enquadra o indivíduo a um grupo com interesses ou um estilo de vida do qual ele deseja travar conhecimento ou fazer parte. Para alguns, neste caso, o evento cultural – no caso, a literatura e o ato da leitura – fica em segundo plano, sendo sobrepujado pelo desejo natural em todo ser humano em pertencer a um grupo. Even-Zohar explicita essa questão quando estabelece a relação entre “acontecimento” e produto:

Os consumidores de literatura (como os de música, teatro, balé e muitas outras atividades socioculturais institucionalizadas) consomem frequentemente a função sociocultural dos atos envolvidos na atividade em questão (que às vezes assume abertamente a forma de “acontecimento” [“happening”]), mais do que o que é concebido como “o produto”. (EVEN-ZOHAR, 1990, p.34).

As décadas de 1920 e 1930 deram um grande impulso no setor editorial: livros com preços acessíveis, matéria-prima mais barata e formatos diferenciados – “livros de bolso” – eram publicados massivamente por editoras como a inglesa *Penguin Books* e a estadunidense *Simon & Schuster*. O público-alvo dessas publicações de baixo custo eram os soldados em campos de batalha e os gêneros literários editados passavam pelos clássicos da literatura, a poesia e as novelas policiais. Das trincheiras, o sucesso migrou para as livrarias e pequenas lojas que vendiam de tudo um pouco: a novela policial havia se consolidado como um gênero literário de sucesso e contava com um público de leitores fiéis.

Sempre informado sobre as novidades do segmento editorial, Henrique Bertaso acompanhava com entusiasmo os rumos que o mercado de livros estava tomando e, desejoso de ampliar as atividades editoriais da casa, fazia vários planos para o futuro da Seção Editora. Bertaso desejava uma casa publicadora moderna, cosmopolita e com o catálogo com equivalência ao das editoras internacionais. Henrique, sendo um homem de visão, nutria planos em desenvolver novas linhas de trabalho e segundo Bertaso (2012, p.24) seus planos eram audaciosos, como se pode avaliar:

pensava em desenvolver três linhas editoriais, que se afastassem da já firmada produção literária de autores regionais. Queria abrir, de forma pioneira ao público leitor brasileiro, a possibilidade de ter acesso a traduções de autores norte-americanos e europeus. Mansueto Bernardi lhe havia deixado diversas sugestões, especialmente de escritores italianos e franceses.

Em 1937, Henrique convenceu o pai e toda a diretoria da Livraria do Globo da necessidade de sua viagem à Feira de Leipzig, na Alemanha, grande evento europeu para o mercado editorial. Os objetivos da viagem eram a retomada de antigos contatos (agentes literários e editoras) que outrora haviam trabalhado com a Livraria do Globo na época de Mansueto Bernardi e, claro, adquirir novos direitos autorais para o catálogo da casa. Henrique aproveitou ao máximo a oportunidade para fazer contatos e trocar experiências com outros profissionais do ramo editorial e livreiro. José Bertaso foi um grande incentivador para a empreitada e incumbiu ao filho a missão de descobrir qual era a melhor impressora off-set para livros disponível no mercado.⁸ E, a despeito da desconfiança que o “Velho” Bertaso nutria a respeito das peripécias editoriais de Henrique e Erico, foi com satisfação que acompanhou o sucesso crescente daquela que foi a primeira coleção que ambos haviam criado.

José Bertaso, experiente homem de negócios, personifica o conceito de Instituição elaborado por Even-Zohar em seu Sistema Literário: era o membro da diretoria que aprovava ou não cada passo que seria dado pela Seção Editora, o que questionava custos e a relevância de cada investimento da empresa no setor editorial. Era dele a “bênção” que Henrique e Erico necessitavam para que seus projetos fossem adiante e cabia ao filho, com sua proverbial calma, convencer o pai sobre a importância deste ou daquele investimento. Segundo Even-Zohar,

A “instituição” consiste no conjunto de fatores implicados na manutenção da literatura como atividade sociocultural. É a instituição que rege as normas que prevalecem nesta atividade, sancionando umas e rejeitando outras. Potenciada por outras instituições sociais dominantes e fazendo parte delas, remunera e penaliza os produtos e agentes. Como parte da cultura oficial, determina também quem e quais produtos serão lembrados por uma comunidade durante um maior período de tempo. (EVEN-ZOHAR, 1990, p.35)

A *Coleção Amarela* tornou-se referência nacional como selo especializado em literatura policial e de mistério. No quesito financeiro, era o carro-chefe das movimentações comerciais da Editora Globo. Publicada entre 1931 e 1956, “foi a maior coleção de romances policiais publicada no Brasil” de acordo com Bottman e Karam (2016, p.1), sobressaindo-se por sua qualidade e longevidade. Segundo Bottman e Karam

⁸ José Otávio Bertaso nos diz em seu livro que o verdadeiro interesse de seu avô José Bertaso na impressora era pelos cartazes e rótulos que ela produziria, “pois o velho nunca levava a sério a aventura editorial da casa.” (BERTASO, 2012,p.36)

(2016, p.1) o ineditismo dos autores publicados na *Coleção Amarela* tornou-a destaque absoluto no segmento romance policial comparada com outras coleções de editoras consagradas, como a Companhia Editora Nacional:

Importante não só pelo número de títulos e volumes que lançou (151 títulos em 158 volumes de 38 autores diferentes), mas também pela longevidade (quase 26 anos) e pela qualidade que, a despeito de suas oscilações, destacou-se por lançar alguns autores que estão entre os melhores do gênero. Só para estabelecermos uma comparação, a Companhia Editora Nacional publicou apenas 24 volumes em sua Série Negra, também dedicada exclusivamente ao romance policial, entre 1934 e 1938, e por volta de 22 títulos policiais na primeira fase da Coleção Paratodos, também nos anos 30.

As primeiras apostas de Bertaso e Verissimo seguiam uma linha editorial marcada por três características: diversidade, popularidade e consumo. Em outras palavras, bem ao estilo do que hoje chamamos de indústria dos *best sellers*. Com o crescimento do mercado editorial brasileiro e, conseqüentemente, do público leitor, as editoras faziam escolhas de títulos a serem publicados conforme a linha editorial na qual almejavam se consolidar. É o que nos afirma Sorá (2010, p.310) ao traçar um panorama do catálogo das editoras daquele período:

Embora os catálogos de todas as editoras gozassem de grande ecletismo, o crédito simbólico que a crítica e os leitores atribuíam a cada uma ia marcando-as lentamente. Pode-se afirmar que, no final da década de 1930, as três maiores editoras do país eram distinguidas do seguinte modo: Companhia Editora Nacional – didáticos; Livraria do Globo – literatura estrangeira; José Olympio – literatura nacional.

Em outubro de 1936, a *Coleção Amarela* contava com quarenta e oito títulos e uma média de dez lançamentos anuais desde a sua criação. O período entre os anos de 1931 a 1939 é o mais produtivo da história da coleção: ao todo, foram setenta e sete títulos publicados. Nas décadas seguintes, os números declinaram, ainda assim com resultados expressivos: entre 1940 e 1948 foram publicados cinquenta e oito títulos. Entre 1949 e 1956, foram acrescentados mais dezesseis à coleção. Das coleções da Seção Editora, a *Coleção Amarela* foi a que teve vida mais longa (25 anos, até 1956) e foi a mais bem-sucedida: ao todo foram 151 títulos publicados.

A *Coleção Amarela* publicou ao todo 38 autores divididos, predominantemente, entre os de origem estadunidense (17) e inglesa (14). De acordo com Bottman e Karam (2016, p.11) foram também publicados autores belgas (2) ao lado de cinco outras nacionalidades, sendo um livro para cada uma delas: tcheca, irlandesa, italiana, canadense e brasileira.

Bottman e Karam (2016), em sua pesquisa sobre a *Coleção Amarela*, organizaram tabelas elucidativas sobre os números da série. A tabela número 2, vislumbra os lançamentos ao longo da existência da coleção.

TABELA 2. NÚMERO DE LANÇAMENTOS ANUAIS

| Ano | Lançamentos | Ano | Lançamentos | Ano | Lançamentos |
|-------------|--------------------|-------------|--------------------|-------------|--------------------|
| 1931 | 7 | 1940 | 11 | 1949 | 3 |
| 1932 | 15 | 1941 | 5 | 1950 | 1 |
| 1933 | 7 | 1942 | 7 | 1951 | 5 |
| 1934 | 6 | 1943 | 10 | 1952 | 3 |
| 1935 | 5 | 1944 | 10 | 1953 | 0 |
| 1936 | 8 | 1945 | 5 | 1954 | 2 |
| 1937 | 8 | 1946 | 2 | 1955 | 0 |
| 1938 | 12 | 1947 | 5 | 1956 | 2 |
| 1939 | 9 | 1948 | 3 | | |
| | 77 | | 58 | | 16 |

Fonte: BOTTMAN, Denise.; KARAM, Sérgio. *A Coleção Amarela da Livraria do Globo (1931-1956): dados, análises e considerações*.

Bertaso e Verissimo sabiam que a literatura estrangeira, em especial a produzida em língua inglesa, era um vasto campo editorial a ser explorado no mercado nacional. Dessa forma, a literatura estrangeira tornou-se um dos pilares das publicações da Seção Editora e foi associada, tanto pelos leitores quanto pela crítica, à Livraria do Globo.

A escolha dessa linha editorial tornou mister a criação de uma estrutura sólida e profissional que abrangesse as etapas da publicação. O destaque foi para o trabalho de tradução, dada à demanda de aquisições de títulos pela editora. Verissimo (1973, p.50) rememora a estratégia adotada pela editora:

Só lá por princípios da década de quarenta é que nos foi possível pôr em prática o plano de “saneamento” de nossas traduções. Contratamos vários tradutores com um salário fixo. Nas salas da Editora tivemos excelentes profissionais: Leonel Vallandro, Juvenal Jacinto, o Dr. Herbert Caro (advogado natural de Berlim, mas que havia aprendido a escrever corretamente em português), Homero de Castro Jobim e vários outros.

Segundo Bottman e Karam (2016, p.13), grandes nomes da literatura nacional como Mário Quintana, Erico Verissimo – e seu pseudônimo Gilberto Miranda -, contribuíram com traduções para a *Coleção Amarela*, tendo cada um deles traduzido, respectivamente, oito, sete e cinco obras para a coleção.

A Seção Editora pôde ver os frutos de sua busca pela excelência: a imagem da Livraria do Globo estava associada, de forma simbólica, ao comércio de literatura estrangeira junto aos leitores, ao mercado livreiro e à crítica especializada. É o que conclui Sorá (2010, p.310), ao comentar sobre o panorama do mercado editorial daquele período:

Assim como a Companhia Editora Nacional foi chamada Ministério da Educação e a José Olympio passou a ser admirada como um Ministério da Cultura, a história da Livraria do Globo lhe reserva um capítulo pela escola de tradutores que Bertaso e Verissimo desenvolveram em seu interior. A profissionalização do trabalho de captação de novidades do mundo editorial de língua inglesa foi de grande inovação.

Outro grande mérito da coleção foi o de ter divulgado o nome da Livraria do Globo para todo o Brasil, em especial em grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo, graças ao sucesso dos títulos que a compunham. Esse êxito na segmentação editorial trouxe, em alguns momentos, comentários desabonadores a respeito das escolhas editoriais da casa por parte de outros editores contemporâneos e de “fiscais políticos e ideológicos” que criticavam as publicações de autores estrangeiros, em especial os estadunidenses, acusando a editora de ser “favorável às políticas imperialistas ianques” (Sorá, 2010, p.305).

Sorá (2010, p.311) afirma que catalogação da Livraria do Globo “como editora ‘estrangeira’ acrescentava uma barreira política a seu reconhecimento nacional” e era o argumento para retaliações advindas tanto de profissionais do mercado livreiro como do governo, no caso, o de Getúlio Vargas. Verissimo (1973, 92-93) rememora o período difícil para os trabalhos desenvolvidos pela Seção Editora e que foi por ele chamado de “Era Getuliana”:

Tínhamos vivido todos aqueles anos, de 1930 a 1945, dentro da chamada Era Getuliana, que coincidira com um dos períodos mais negros da História da Humanidade, isto é, o do nazismo. (...)

Mais, muito mais afortunados que os europeus que sofreram o hitlerismo e o fascismo na própria carne (...) nós sentíamos aqueles acontecimentos apenas no espírito, de maneira atenuada, e através dos telegramas das agências de notícias. Tínhamos, porém, os problemas nacionais que nos tocavam muito de perto. O Departamento de Imprensa e Propaganda nos bafejava ameaçadoramente a nuca. A sombra dos seus censores se projetava sobre nossos espíritos, nossas casas e nossos gabinetes de trabalho.

A censura à livre expressão de opiniões é um dos traços característicos de governos totalitários. Getúlio Vargas, a despeito de ter sido, no passado, um dos frequentadores e incentivadores das atividades culturais da Livraria do Globo, ao ocupar o cargo de presidente da República não colocaria suas relações de amizade acima de seu projeto de poder. A polarização ideológica e político-partidária era uma das trincheiras nas quais a Livraria do Globo também travava suas batalhas: a saraivada de adjetivações que buscavam definir o posicionamento político-ideológico das atividades da empresa – em especial, o dos colaboradores - divergiam entre si: a empresa seria uma apoiadora do “imperialismo ianque” ou uma entusiasta do bolchevismo soviético? O debate seguia entre esses termos, como escreve Verissimo (1973, p.96):

A Editora fora alvo de muitos ataques que, frequentemente, nos atingiam pessoalmente, a Henrique como diretor da publicadora e a mim como seu conselheiro. Iguamente alvejados tanto por homens da Esquerda como da Direita, não éramos, entretanto, poupados pelo Centro. Estávamos sempre entre fogos cruzados.

Dizia-se que a Globo era um foco de comunistas. (Sempre pairou sobre a minha cabeça essa suspeita.) Os extremistas da Esquerda apontavam a Editora como uma firma “a serviço de Wall Street”, da qual eu era um dos lacaios. Outros sugeriam que recebíamos o lendário “ouro de Moscou.”

Nos trechos citados, fica evidente a intranquilidade de Verissimo em relação aos julgamentos relacionados às atividades da Seção Editora. Machado (2008, p.86) apresenta sua visão a respeito das discussões acaloradas sobre a Livraria do Globo, tais como a empresa ter sido vista por uns como “um paiol de ideias comunistas” e por outros de estar “a serviço de Wall Street”. Para o jornalista, bibliófilo e escritor esses comentários eram “fantasias”, pois a editora “preocupava-se apenas com os negócios, tomando iniciativas pioneiras, como desatrelar o segmento editorial dos demais empreendimentos.”

A despeito das divergências ideológicas e políticas, o retorno financeiro das escolhas feitas para o catálogo era de vital importância por motivos óbvios: livros são produtos e as editoras são empresas com compromissos financeiros para honrar. De acordo com Sorá (2010, p.305) José Olympio, livreiro experiente, admitia à época

que “é lamentável dizermos; porém, o gênero policial é o que tem a procura certa”. Estava tão convicto dessa tendência que, em princípios de 1938, sua editora lançou um selo dedicado ao gênero policial.

A parceria entre Henrique Bertaso e Erico Verissimo foi determinante para o êxito da casa editora: o anseio de ambos em oferecer ao público brasileiro desde os *best sellers* da moda até clássicos da literatura tinha como maiores motivações unir qualidade e preço acessível. Os melhores profissionais – ilustradores, tradutores e conselheiros editoriais – contribuíram para situar a Seção Editora da Livraria do Globo no mapa do mercado editorial brasileiro.

2.2 COLEÇÃO UNIVERSO (1932-1942)

A *Coleção Universo* adotou como linha editorial os livros de aventura, as narrativas de viagens e expedições e tramas envolvendo cowboys e índios – os bem-sucedidos *far west*, entre outros temas. O folheto de propaganda fazia a seguinte apresentação:

Aventuras! Viagens! Lutas contra bandoleiros, selvagens e feras! Todos nós sonhamos [...] com a realização destas coisas maravilhosas e fantásticas em que possamos viver momentos diferentes dos da vida vulgar de todos os dias. Mas é preciso em primeiro lugar viver as aventuras na imaginação para depois vive-las na realidade. E os livros da Coleção Universo, da Livraria do Globo, possuem o dom de nos fazer viver na imaginação as experiências mais arrebatadoras. (AMORIM, 1999, p.84)

Um ano após o lançamento da bem-sucedida *Coleção Amarela*, Henrique Bertaso veio a conhecer as obras do escritor que, ao lado de Edgar Wallace, seria a segunda “fábrica de best-sellers” da Livraria do Globo: o alemão Karl May. Os direitos exclusivos de tradução para o Brasil e Portugal da obra completa do autor foram adquiridos pela Livraria do Globo e anunciados com grande estardalhaço aos leitores de língua portuguesa que, a exemplo dos alemães, poderiam desfrutar das fabulosas aventuras escritas pelo romancista. O primeiro título editado foi *Winnetou*, de 1932, com a tiragem de 5 mil exemplares; os volumes seguintes, *Winnetou I e II*, seguiram o mesmo caminho, totalizando mais de 20.000 exemplares vendidos.

A Seção Editora, desde a sua fundação, teve como característica principal a visão cosmopolita relacionada aos livros e à leitura. Henrique e Erico legitimaram suas crenças muitas vezes “tateando no escuro” em relação às apostas que faziam para o

catálogo. Sendo a casa editora ainda financeiramente dependente da livraria e dos serviços gráficos tradicionalmente prestados pela Globo, o apoio moral e financeiro que desejavam obter por parte do corpo diretivo da empresa deveria ser, ao menos, financeiramente justificável. Ambos sabiam que a casa publicadora tinha dois grandes desafios: tornar-se um negócio financeiramente viável e estabelecer-se como uma casa editora de prestígio no cenário nacional.

A *Coleção Universo*, em especial os livros de Karl May, além de terem trazido rentabilidade financeira ao negócio, eram literatura de entretenimento de qualidade. O público alvo era o infantojuvenil, mas muitos adultos tiveram o prazer de ler as obras do escritor alemão responsável por mais da metade do catálogo da coleção – vinte e quatro títulos dos quarenta e três publicados– e, em dez anos de existência, segundo Torresini (1999, p.87) os livros de Karl May venderam 234.500 exemplares, sem contar as coleções especiais que foram lançadas, como as *Obras Completas de Karl May*, com volumes caprichosamente encadernados.

O gênero literatura de aventura alcançou a sua consagração junto ao público leitor brasileiro por meio das obras de Karl May. Tal fato possibilitou que a Seção Editora, em 1933, ampliasse o seu catálogo do gênero e adquirisse os direitos das obras do escritor estadunidense de livros de aventura, Zane Grey. Segundo autor mais vendido da *Coleção Universo*, suas histórias tinham um pano de fundo tipicamente norte-americano: caçadas a animas selvagens, confronto com nativos e agruras dos pioneiros em uma terra inóspita e desconhecida.

Foi o mundo de fantasias e aventuras proporcionado pelas obras de Karl May que consolidaram a confiança da diretoria da Livraria do Globo – em especial a de José Bertaso – frente às atividades da Seção Editora, que se mostravam financeiramente rentáveis, alcançando resultados muito satisfatórios. Os *Relatórios da Diretoria* da Livraria do Globo, conforme citado por Torresini (1999, p.70), comprovam isso:

A Seção Editora só veio a receber um voto de confiança de toda a casa – e mais apoio financeiro por parte de José Bertaso – após a descoberta da “mina de ouro” representada pelo escritor alemão Karl May com seus livros de viagens e aventuras. *Winnetou*, romance de peles vermelhas e pioneiros do oeste, alcançou sucesso em todo o país e abriu caminho para os restantes quarenta e cinco títulos do autor.

Henrique e Erico haviam conseguido à custa de muito empenho, dedicação e crença no mercado livreiro nacional, a confiança dos diretores da empresa. O retorno financeiro satisfatório da Seção Editora seria capaz de financiar um sonho há muito

acalentado por ambos: o de proporcionar ao público leitor brasileiro o que havia de melhor na literatura universal. A ideia era criar coleções pautadas na excelência, tanto da equipe envolvida – tradutores e revisores – como na escolha dos autores a serem publicados. E foi em meio a esses planos audaciosos que a *Coleção Nobel* nasceu.

2.3 COLEÇÃO NOBEL (1933-1958)

A *Coleção Nobel* foi uma divisora de águas na Livraria do Globo no quesito linha editorial. A ideia dessa coleção partiu de Henrique Bertaso e tinha como intuito oferecer o que havia de melhor em literatura aos leitores brasileiros por meio de um conjunto de obras que, conforme Verissimo (1973, p.42), “incluísse não apenas autores que haviam ganhado o famoso prêmio instituído pelo fabricante de explosivos sueco, mas também outros autores de valor literário.” Verissimo, de pronto, organizou uma lista de escritores que poderiam compor a coleção e, ao longo dos anos, apresentou diversas sugestões de títulos para publicação. O primeiro deles foi *Contraponto*, de Aldous Huxley, traduzido pelo próprio Verissimo; lançado pela editora em 1935 e que foi considerado pela crítica da época uma obra arrojada e de vanguarda. A Seção Editora começou a atrair os olhares do mercado editorial brasileiro que, com curiosidade, começava a prestar mais atenção naquela pequena editora do sul do Brasil.

Mrs. Dalloway e *Orlando*, de Virginia Woolf, foram indicações de Verissimo. Dentro em pouco, mais nomes de peso fariam companhia a esse panteão: Thomas Mann e *A montanha mágica*; *As vinhas da ira*, de John Steinbeck, *O imoralista*, de André Gide e o aclamado *Felicidade*, de Katherine Mansfield, também traduzido por Erico. A lista de escritores célebres incorporados pela coleção só crescia: obras de Juan Ramón Jiménez, Giovanni Papini, Honoré de Balzac, Luigi Pirandello, Alexander Pushkin, Gustave Flaubert, Franz Kafka, Voltaire e Stendhal, entre outros, foram sendo lançados pela coleção.

No trabalho na Seção Editora, os encaminhamentos e sugestões de vertente erudita cabiam a Verissimo e os de viés popular, a Bertaso. Essa divisão de tarefas tinha como objetivo a racionalização de trabalhos e não refletia, de forma integral, os

gostos e predileções de ambos. Como leitores, Henrique e Erico eram bastante ecléticos e possuíam interesses literários bem diversificados.

Verissimo (1973, p.71), por outro lado, apresenta uma visão diferenciada sobre o tema. Segundo ele, “o interesse que o jovem Bertaso tinha pelo *best seller* era como o de um menino por fogos de artifício que brilham por um momento, chispando estrelas multicores...e depois se apagam.” O autor mais de uma vez mencionou, ao longo dos mais de vinte anos que trabalharam juntos, que as ambições de Bertaso – assim como as suas próprias – em relação à casa editora visavam, acima de tudo, à qualidade das publicações oferecidas aos leitores. Com o passar dos anos, esse desejo de qualidade em todos os níveis do processo editorial – desde a escolha dos títulos, a tradução, as ilustrações e o projeto gráfico – puderam ser implementados.

Outra característica marcante da coleção foi mesclar de forma harmoniosa as “obras de peso” com romances mais leves, com vistas para o entretenimento. Amorim (1999, p.90-91) acredita que foi “uma decisão consciente, de quem procurava atrair o leitor menos dotado intelectualmente, seduzindo-o com textos mais acessíveis, que serviriam como uma espécie de ponte para leituras mais enriquecedoras.” A proposta, de uma forma geral, mostrou-se produtiva e tão longeva quanto a *Coleção Amarela*: a *Nobel* publicou cento e vinte e oito títulos em vinte e cinco anos que, como lista Torresini (1999, p.86-87) incluíam obras como *Contos*, de Guy Maupassant; *Eu, Cláudio Imperador*, de Robert Graves, *Ratos e Homens* e *Vinhas da Ira*, de John Steinbeck; *Babbitt* e *Arrowsmith*, de Sinclair Lewis; *Férias de Natal* e *Um Gosto e Seis Vinténs*, de W. Somerset Maugham; *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann; *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley e obras de Platão, como *Sofista*, *Menon*, *Fedon* e *Parmênides*.

Segundo Amorim (1999, p. 91), a edição da *Coleção Nobel* “apresenta altos e baixos bastante marcantes” em termos de vendagem: a disparidade de edições de um ano para outro – aumentando ou diminuindo de forma vertiginosa – pode ser interpretada como uma resposta do público aos títulos publicados – de maior ou menor alcance ou apelo popular – e aos seus preços de capa que, diferentemente dos títulos da *Coleção Amarela*, apresentavam valores mais elevados. A grande estrela da coleção era o romancista e dramaturgo britânico Somerset Maugham, que representava vinte por cento das obras editadas, ou seja, vinte e quatro títulos. O segundo lugar

ficava com outro inglês, Aldous Huxley, com oito obras (equivalentes a seis por cento do catálogo) publicadas pela editora.

O maior mérito da *Coleção Nobel* foi o de popularizar e introduzir no mercado editorial brasileiro obras importantes da literatura mundial. Em diversas ocasiões esses lançamentos foram feitos de forma simultânea com o mercado europeu e norte-americano, resultado de um árduo trabalho por parte de toda a equipe da Seção Editora, em especial Henrique e Erico.

A criação dessa coleção suscitou questionamentos referentes ao comprometimento com a excelência das publicações da Seção Editora: Verissimo sinalizava há tempos a má qualidade das traduções existentes no mercado, fato que o preocupava e muito. Desde 1938 Verissimo ocupava em tempo integral o cargo de conselheiro editorial da Globo⁹ - acreditava que literatura de qualidade deveria receber um tratamento condizente à tradução que chegava até as mãos do leitor. Por diversas vezes, em reuniões com Henrique Bertaso, Erico reacendia o tema das traduções. O assunto também era abordado em reuniões com a diretoria da Livraria do Globo: era consenso que a casa deveria assumir um compromisso global com a qualidade de suas publicações caso desejasse uma posição de prestígio no mercado editorial nacional e, em especial, junto ao público leitor. Para que esse trabalho fosse executado de forma satisfatória, era mister que toda uma infraestrutura – material e intelectual– fosse providenciada: uma equipe de colaboradores qualificados deveria ser o primeiro passo rumo a esses objetivos.

O diagnóstico de Verissimo sobre o mercado brasileiro de traduções é corroborado por Hallewell (2012, p.444), pois “antes de 1940, o reduzido mercado livreiro limitava os orçamentos das editoras, o que acabou por estabelecer uma tradição, que perdura até hoje, de que a tradução é um trabalho subalterno e mal remunerado. No mercado editorial, os tradutores do espanhol e do francês eram abundantes; com a popularização da literatura escrita em língua inglesa, as editoras, por uma questão de custos – associada à falta de tradutores desse idioma no mercado – tinham como única opção a tradução indireta. Ou seja, um romance estadunidense era traduzido, não a partir dos originais em língua inglesa, mas de uma tradução do espanhol, ou mais comumente, do francês. Em outras palavras, o trabalho de um profissional que

⁹ A diretoria da *Revista do Globo* havia sido assumida, no mesmo ano, por Justino Martins, jornalista e cunhado de Erico. (BERTASO, 2012, p. 186).

traduzisse uma obra diretamente do inglês era muito mais oneroso para as editoras. As perdas literárias e linguísticas por conta da tradução via segundo ou terceiro idioma como intermediário ocasionavam em alguns casos o empobrecimento semântico cultural de passagens do texto literário e que, por motivos óbvios, comprometia a versão da obra literária.

Verissimo (1973, p.50) escreve que somente “por princípios da década de quarenta é que nos foi possível pôr em prática o plano de “saneamento” de nossas traduções.” O desejo acalentado há anos pela casa tornou-se realidade. Tradutores foram contratados como funcionários permanentes com uma boa remuneração fixa. Para a melhor execução dos trabalhos, uma biblioteca de referência com gramáticas e dicionários de diversos idiomas e enciclopédias foi posta à disposição da equipe. O acervo era constantemente atualizado com novos títulos sendo agregados à coleção. No que dizia respeito à entrega dos trabalhos, os prazos foram revistos para que o resultado final fosse focado na qualidade: o tradutor trabalhava determinadas horas por dia, nos escritórios da Seção Editora, onde havia toda uma estrutura que o auxiliaria. Além disso, teria seus nomes na página de rosto de cada obra que traduzissem.

Toda a metodologia de trabalho referente às traduções foi revista e meticulosamente organizada. Verissimo (1973, p. 50-51) expõe como era a rotina no departamento de tradução da casa:

O processo da tradução de uma obra tornou-se então algo de muito elaborado. Escolhido o livro a verter-se para o português, procurava-se o tradutor, de acordo com a especialidade linguística de cada um. Feita a escolha do tradutor, este fazia sem pressa o seu trabalho, tendo à sua disposição uma rica biblioteca em que havia vários dicionários e enciclopédias. (...) Depois que o tradutor dava por terminado o seu trabalho, os respectivos originais eram entregues a um especialista da língua de que o livro fora traduzido, para que ele os confrontasse, linha por linha, com o original, procurando verificar a fidelidade da versão. Mas o processo não terminava aí. Havia uma terceira etapa, em que um especialista examinava o estilo do livro, discutindo-o com o tradutor, cujo nome ia aparecer sozinho no póstico do volume. Em caso de divergência havia uma arbitragem. Os livros estrangeiros publicados durante os quatro ou cinco anos em que esse esquema durou, são de excelente qualidade no que diz respeito à tradução. O nosso chefe maior, porém, ficava apavorado – e com razão! – quando examinava o custo de tradução de cada obra.

Analisando o processo, compreendemos por que Paulo Rónai¹⁰ considerou os anos de 1940, segundo cita Hallewell (2012, p.445) como “a idade de ouro da tradução no Brasil.” Conforme Torres (2012, p.25) a lista de tradutores que prestava serviços para a Globo contava com escritores do quilate de Mário Quintana, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e o próprio Erico Verissimo, tendo sido ele responsável pela tradução de cinco livros para a *Coleção Nobel*, entre eles *Ratos e Homens*, de John Steinbeck e *Maquiavel e a Dama*, de Somerset Maugham.

Os títulos do catálogo da coleção e a equipe de tradutores envolvidos causaram sensação. Amorim (1999, p.92) ressalta a importância e o impacto do lançamento da coleção no mercado editorial brasileiro:

Além de introduzir no Brasil obras importantes da literatura mundial, algumas quase em lançamentos simultâneos, a Coleção Nobel registra também a consideração com que a Globo tratou a questão da tradução. É na Coleção Nobel que encontramos, no conjunto, o melhor corpo de tradutores de todas as coleções. Grandes nomes das letras e tradutores de alto nível são os responsáveis pela versão dos textos.

O foco da editora na excelência a partir dos profissionais que realizariam os trabalhos já sinalizava as intenções da casa para com o seu público e, claramente, junto ao mercado nacional. Estabelecer-se como uma casa editora pautada na qualidade – tanto nos títulos escolhidos para seu catálogo quanto dos profissionais que os traduziriam para a língua portuguesa – era o carro-chefe que dava o norte para trilhar o caminho rumo a posição que a Seção Editora da Livraria do Globo almejava conquistar: fazer parte do panteão das melhores editoras do território nacional.

2.4 COLEÇÃO BIBLIOTECA DOS SÉCULOS (1941-1954)

Os resultados financeiros positivos alcançados pelas demais coleções – além do sucesso de público e de crítica - sedimentaram as bases de uma das apostas editoriais mais ambiciosas da Seção Editora: o lançamento de uma coleção composta

¹⁰ Paulo Rónai (1907-1992) foi um tradutor, revisor e crítico de origem húngara naturalizado brasileiro. Também atuou como professor de francês e latim, tendo escrito gramáticas e dicionários dessas duas línguas.

por obras de notável valor literário, com excelentes traduções e a preços acessíveis. Foi em meio a grandes expectativas que nasceu a *Coleção Biblioteca dos Séculos*.

O título marcante e imponente dado para a nova coleção, estava permeado de pretensões: uma delas era a de conquistar um lugar garantido no mercado editorial brasileiro no que referia à literatura universal: um projeto ambicioso que, há tempos, era acalentado por Verissimo. Em *Um certo Henrique Bertaso* (1973, p.58), o autor compartilha as suas motivações e as de Henrique no momento da criação da coleção:

Henrique e eu continuávamos com nossos planos. E se começássemos uma coleção (eu já tinha até um título para ela: Biblioteca dos Séculos) composta de grandes livros da literatura universal? “É uma idéia” – murmurou Henrique. E eu: “E sabes quem vai escolher os livros e os autores para essa série? O Tempo, o melhor crítico literário que conheço. A escolha já está feita, naturalmente...”

A recordação de Verissimo, de natureza delicada e sonhadora, evidencia o amor que o escritor nutria pela literatura. Some-se a esse sentimento o esforço perene de Erico e Henrique em ofertar para o público leitor brasileiro o que havia de melhor na literatura universal. A questão era: como publicar obras de valor literário inestimável a um preço que fosse viável para a publicação e acessível ao grande público? A resposta veio do prático e experiente editor Henrique: a solução seria a publicação de obras que já estivessem em domínio público. Dessa forma, seria possível conseguir uma significativa redução de custos na publicação.

A curadoria da coleção ficou a cargo de Verissimo que, de forma cuidadosa, organizou uma lista com títulos e autores que almejava ver publicados pela Seção Editora. Entre eles estavam *O vermelho e o negro*, de Stendhal, os contos de Tchekhov, de Edgar Allan Poe e de Guy de Maupassant. Obras de William Shakespeare, Friedrich Nietzsche, Michel de Montaigne, Henrik Ibsen, Charles Dickens, Honoré de Balzac, Madame de Lafayette, Pierre Choderlos de Laclos: a lista aumentava junto com o entusiasmo de Erico.

Sorá (2010, p.312) reflete sobre o empenho da Seção Editora em conquistar seu espaço no mercado editorial nacional, em especial no segmento literatura estrangeira. Muito dessa aposta editorial vem das próprias origens e das bases da fundação da empresa:

A aposta da editora nas traduções encontra fundamento em outros fatores, além do amor de seus responsáveis pelo universal. Como vemos, essa editora se fez com italianos; Porto Alegre (e, na época, Pelotas) fazia questão

de se mostrar europeia, pelo menos tão próxima de Buenos Aires quanto do Rio de Janeiro. Mas, como veremos, essa qualidade, longe de ser uma essência ou escolha, está umbilicalmente ligada a uma posição dominada, relativa às disputas por um universal de maior prestígio, como o que adquiriu José Olympio ao conseguir o reconhecimento como editora dos valores nacionais da época.

Aquela pequena editora do sul do Brasil chamava a atenção do mercado editorial brasileiro: a “mágica” de Erico e Henrique, a química inquebrantável que existia entre ambos, agora seria posta à prova nessa nova empreitada: a *Coleção Biblioteca dos Séculos* foi criada por ambos com expectativa e dedicação em altos níveis.

Um dos títulos da coleção - a edição em dois volumes de *Guerra e Paz*, de Liev Tolstoi, traduzidos do francês para o português por Gustavo Nonnenberg - causou sensação no momento de sua publicação. Um acontecimento histórico marcaria a chegada desse clássico da literatura universal ao mercado brasileiro: as tropas nazistas haviam invadido a Rússia. O ano era 1941. Ao saber da notícia, Verissimo (1973, p.60) recorda-se de quando foi até o gabinete de Bertaso e exclamou:

- Veja o poder do departamento de publicidade da Editora Globo! Conseguimos que o Führer parodiasse Napoleão, invadindo a Rússia, e fizemos esse golpe sincronizar com o lançamento no Brasil de nossa edição de Guerra e Paz!

Torresini (1999, p.93) nomeia os autores que, segundo o Livro de Registros da editora, estavam no prelo para o ano de 1941. Para a *Coleção Biblioteca dos Séculos* eram previstas as publicações de Herman Melville, Charles Dickens, Stendhal, Madame de Lafayette e Platão. Sobre a publicação de obras do filósofo grego, Verissimo (1973, p.59) rememora a decisão de Henrique acerca da tradução das obras do autor. Erico comenta que estava a listar a sugestões de autores para a nova coleção quando

Henrique acrescentou: “E Platão”. E para minha surpresa me informou que queria esse autor traduzido diretamente do grego. Cabe aqui a revelação dum fato que, do ponto de vista humano, é um crédito para o chefe da Secção Editora da Livraria do Globo, mas que do ângulo comercial não diz nada em seu favor. Se Henrique pensava em editar obras de Platão traduzidas diretamente do grego era principalmente porque queria, por pura solidariedade, dar trabalho a um certo professor estrangeiro que conhecia aquela língua e que precisava ter o seu magro salário mensal aumentado. E já que entramos no terreno das confidências – vá lá! – direi mais, que meu amigo Bertaso costumava inventar projetos (que raramente ou nunca levava a cabo) só para ajudar um escritor, um professor ou um estudante que andasse em má situação financeira.

O professor em questão era Jorge Paleikat, catedrático de Língua e Literatura Grega na Universidade do Rio Grande do Sul e responsável pela tradução de dez diálogos platônicos que compuseram a coleção. Mais dois tradutores juntaram-se ao

trabalho da tradução do grego: o professor João Cruz Costa, da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo e Leonel Vallandro, tradutor poliglota e exímio dicionarista. (Amorim, p. 48)

A generosidade de Henrique para com os amigos – em detrimento ao impacto que teriam sobre os negócios da empresa - é evocada em diversas histórias contadas por quem teve o prazer de conviver e trabalhar com ele. Seu primogênito, José Otávio, conta em *A Globo da Rua da Praia* (Bertaso, 2012, p. 23-24) sobre a presença de Jorge Amado em Porto Alegre em 1937, segundo o mesmo, fugindo de perseguições políticas. Necessitado de dinheiro, ofereceu-se para traduzir alguma obra da editora mas precisava do valor adiantado. O procedimento não era de praxe, mas Henrique abriu uma exceção para o amigo. Meses depois, soube que as complicações de Jorge Amado eram político-amorosas – o escritor baiano havia se envolvido romanticamente com a companheira de um “truculento camarada” do Partido Comunista e, por esse motivo, fora perseguido e espancado pelo rival. Temeroso, Jorge Amado havia seguido para Porto Alegre: a parte restante da história já era conhecida por Erico e Henrique. Quanto à tradução, não há registros de que tenha sido entregue.

Ao lado da literatura universal, a filosofia era o destaque da *Coleção Biblioteca dos Séculos*. Além dos já citados Platão, Nietzsche e Montaigne, outros filósofos foram publicados, como Jean-Jacques Rousseau e Aristóteles. Segundo Amorim (1999, p.50), o esmero com as edições a tornaram primorosas: desde o sumário, passando pelas ilustrações e notas de rodapé, todas as etapas recebiam um tratamento diferenciado e cuidadoso.

Nesse período, Maurício Rosenblatt - argentino de Palácios, província de Santa Fé e amigo de Erico Verissimo desde os tempos de Cruz Alta – foi convidado pelo autor a assumir o cargo de secretário na Livraria do Globo. Verissimo viajaria a convite do Departamento de Estado dos Estados Unidos da América, que desejava estabelecer relações diplomáticas e culturais por meio de cidadãos brasileiros expoentes. Como se ausentaria dos trabalhos por algum tempo, Erico estava em busca de um profissional com as qualificações requeridas para substituí-lo em suas funções como secretário e conselheiro editorial da Seção Editora. “Homem de inteligência e sensibilidade agudas, boas leituras e pendores literários” (Verissimo, 1973, p.66), Rosenblatt foi convencido de que tinha as características necessárias para a função e aceitou o desafio.

As atribuições de Rosenblatt incluíam organizar a programação anual de edições e a aquisição dos direitos autorais – tanto nacionais como internacionais – além de supervisionar o trabalho e o pagamento das traduções. O secretário também era responsável por examinar os originais que, quase que diariamente, chegavam na Seção Editora.

A essa época foi implementado um procedimento de caráter qualitativo em relação às obras que seriam publicadas pela Seção Editora: um grupo de colaboradores chamados de “leitores especializados”, eram contratados para darem pareceres sobre as obras que haviam lido. Rosenblatt era também responsável por essa etapa e seu trabalho consistia em distribuir os originais entre esses leitores. Após a leitura e a escrita dos pareceres, o secretário, juntamente com outros editores, os analisavam e chegavam a um veredito. Bertaso (2012, p.209) comenta que para o trabalho dos “leitores especializados”, o procedimento seguia o seguinte processo: era entregue um formulário no qual

[...] havia espaço para o leitor resumir o enredo do livro. Se o parecer fosse auspicioso, o original era submetido a alguém que estivesse habituado a ler com frequência, um professor de literatura, um tradutor ou mesmo um escritor profissional. O primeiro parecer recolhia a opinião de um leitor comum e o segundo, de alguém que lidava profissionalmente com literatura. Esse procedimento adotávamos tanto para autores nacionais como para estrangeiros. Quando recebíamos o original de um autor nacional, solicitávamos uma opção para exame de no máximo 45 dias e, em se tratando de autor estrangeiro, ao indagar se os direitos de tradução para a língua portuguesa estavam livres, pedíamos uma opção de três meses.

É admirável todo o expediente que foi elaborado para garantir a qualidade das obras publicadas pela Seção Editora: no processo eram contemplados desde o leitor comum até profissionais que tinham como a base de seu ofício a literatura. A metodologia adotada para a análise dos originais demandava mais tempo e, conseqüentemente, mais recursos humanos e financeiros. Por outro lado, potencializava a garantia de um produto final com vistas à excelência.

Em 1943, Maurício Rosenblatt foi promovido para a gerência da filial da Livraria do Globo na cidade do Rio de Janeiro. O objetivo de sua mudança para aquela cidade foi bem definido, segundo Verissimo (1973, p. 69): Marcelo tinha como missão “melhorar a imagem da Editora Globo perante os escritores nacionais, que nos acusavam de descuidar da literatura indígena, voltando-nos exclusivamente para a estrangeira”. A atividade profissional de Rosenblatt associada às suas habilidades sociais, garantiu seu ingresso nos círculos intelectuais da cidade e o possibilitou de estabelecer

relações com escritores, jornalistas, críticos literários e demais profissionais ligados ao mercado editorial os quais, por meio de seus serviços prestados, agregariam valor às obras publicadas pela Seção Editora.

Rosenblatt viria a conhecer, na pensão em que vivia em Santa Teresa, um senhor de origem judaica nascido em Budapeste, que atuava como tradutor, revisor e professor de Língua Francesa. Seu nome era Paulo Rónai e desde 1941 havia se estabelecido no Brasil com sua família devido à perseguição nazista. Em conversa amistosa com o seu novo conhecido, Rosenblatt compartilhou seus planos como secretário da Livraria do Globo: um deles era a retradução da magistral obra de Honoré de Balzac para o mercado nacional. Segundo Silveira (1983, p.7), conforme citado por Torresini (1999, p.98), a percepção que Rosenblatt teve do mercado editorial naquele período – em plena Segunda Guerra Mundial - proporcionou novas oportunidades comerciais para a Seção Editora:

Em 1943, era impossível adquirir-se obras novas de autores franceses. Os tradutores desta língua, portanto, estavam sem atividade. Foi aí, então, que lembrei que poderíamos traduzir obras mais antigas, clássicas. Nasceu, então, a edição da *Comédia Humana*.

O destino reuniu, portanto, dois homens que fariam história no mercado editorial brasileiro: Rosenblatt, com seu espírito desbravador e sempre atento os sinais que o mercado emitia e Paulo Rónai, um estudioso da obra de Honoré de Balzac. Rónai (1989, p.273) relembra aquele encontro:

Escutava esse plano com o interesse não só de um professor de francês, mas também de um estudioso de Balzac. Já em 1930, depois de pesquisas feitas na biblioteca do *Institut de France*, em Chantilly, tinha defendido tese sobre As Obras da Mocidade de Honoré de Balzac e desde então não cessara de ler e reler os volumes do romancista. Meu conhecimento da vida e da civilização francesa resultava, em grande parte, dessas leituras: daí poder avaliar o enriquecimento intelectual dos leitores brasileiros, tão afastados, no tempo e no espaço, da Paris da primeira metade do século XIX.

Rosenblatt percebeu de imediato a oportunidade única que tinha diante de si e, de imediato, convidou Rónai para prefaciar a edição que já estava em curso na Seção Editora. O professor aceitou com uma condição: que pudesse conferir as traduções assim que estivessem finalizadas. E foi a partir da leitura das traduções – por ele muito elogiadas, inclusive – que o húngaro compreendeu que seus conhecimentos, tanto sobre a obra como sobre todos os aspectos da cultura francesa daquele período ali retratados, – seriam de grande valia para a publicação da coleção no Brasil. Por onze anos, Paulo Rónai orientou criteriosamente todos os tomos dessa coleção que seria considerada para a história do livro no Brasil um “monumento editorial”: o trabalho

primoroso da equipe de tradutores e a supervisão precisa de Paulo Rónai abrilhantaram o projeto ambicioso da Livraria do Globo. A tiragem do primeiro volume, de 1946, foi de 20.000 exemplares. Os volumes seguintes tiveram tiragens que variaram entre 15.000 e 9.000 exemplares.

Mais um grande nome da literatura francesa também teria sua obra completa traduzida, nos mesmos moldes de qualidade: o projeto seguinte ao da *Comédia Humana* foi a publicação dos sete volumes de *Em busca de um tempo perdido*, de Marcel Proust. A tradução dos volumes, feita diretamente do francês, foi dividida entre Mário Quintana (volumes 1 a 4, "*No Caminho de Swan*", "*À Sombra das Raparigas em Flor*", "*O Caminho de Guermantes*" e "*Sodoma e Gomorra*"), Manuel Bandeira e Lourdes Sousa de Alencar (volume 5, "*A Prisioneira*"), Carlos Drummond de Andrade (volume 6, "*A Fugitiva*") e Lúcia Miguel Pereira (volume 7, "*O Tempo Redescoberto*") que concluíram mais uma ambiciosa empreitada da editora porto-alegrense: a primeira edição nacional da obra de Marcel Proust que até os dias atuais é elogiada pela crítica especializada.¹¹ Outra obra de peso publicada nesse período foi *Orlando*, de Virginia Woolf, traduzida por Cecília Meireles. A poetisa também teve sua obra *Mar Absoluto* publicada pela Seção Editora.

A coleção *Biblioteca dos Séculos* teve, ao todo, vinte e cinco títulos publicados, sendo dezessete de literatura. Ao longo de seus treze anos de existência, comparada com as demais coleções, publicou pouco: foram, em média, dois títulos por ano. Segundo Amorim (1999, p.98) "é provável que o pequeno número de títulos se deva à extensão das obras editadas: alentados volumes de seiscentas/setecentas páginas que exigiam mais que o dobro do tempo e dos cuidados necessários na produção editorial de títulos comuns". É importante lembrar que a Seção Editora se dedicava também a outros segmentos editoriais – dicionários, livros didáticos e técnicos, entre outros – e, como empresa, dependia de um organograma para execução dos trabalhos e, acima de tudo, de condições financeiras para os executá-los.

Verissimo (1973, p.70) relembra que a Seção Editora comprava "mais direitos sobre livros do que nossa capacidade de editar permitia." E, dada a dependência financeira que a casa publicadora tinha da Livraria do Globo, os questionamentos sobre os gastos com traduções e as despesas correntes com material necessário para a

¹¹ MACHADO, Cassiano Elek. *Principal obra de Marcel Proust é relançada no Brasil*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq3003200207.htm>>. Acesso em 12/12/2016.

equipe técnica – dicionários e manuais, por exemplo – oneravam ainda mais os trabalhos a serem executados. De acordo com Verissimo (1973, p.70), José Bertaso, atento às movimentações financeiras, perguntava “quem era esse tal senhor Platão que todos os meses recebe quinze contos de réis?”. Henrique explicava ao pai e José contemporizava, autorizando o pagamento das despesas relacionadas a todo o trabalho desenvolvido na Seção Editora.

O ano de 1947 se apresentou financeiramente desfavorável para os negócios da Seção Editora: após a Segunda Guerra Mundial, o mercado editorial brasileiro havia tido um crescimento expressivo. Assim como a Livraria do Globo, outras editoras como a Companhia Editora Nacional e José Olympio, por exemplo, se consolidaram junto ao público leitor brasileiro. Bertaso (2012, p.48), analisa o panorama daquele momento:

O número de títulos publicados ultrapassava, e muito, a capacidade de absorção do mercado. Como a maioria de suas congêneres, a seção editora da Livraria do Globo começou a sentir que o montante dos investimentos feitos nas compras de direitos autorais e na produção dos novos títulos, além das reedições que se faziam necessárias, estavam ultrapassando bastante o orçamento que lhe era destinado.

A criação e/ou existência de uma ambiência cultural que favoreça as atividades ligadas ao universo literário é um elemento-chave para o fortalecimento do mercado e de todas as cadeias produtivas a ele conectados. O mercado, assim como outros elementos da Teoria dos Polissistemas de Even-Zohar, dialoga e faz intersecção com outros sistemas. Even-Zohar esclarece a função desse espaço na promoção do sistema literário:

Seja um salão literário, uma corte real ou uma praça de um mercado medieval onde os produtores tratam de fato de vender seus produtos, ou seja, por meio de agentes tais como críticos literários, editores, professores, ou outros promotores, na ausência de um mercado sociocultural não há espaço para que nenhum aspecto das atividades literárias possa se assegurar. E mais, um mercado restrito diminui naturalmente as possibilidades de a literatura evoluir como atividade sociocultural. Desse modo, fazer com que o mercado floresça é do maior interesse para o sistema literário. (EVEN-ZOHAR, 1990, p.37.)

Em outras palavras, é necessário que haja toda uma efervescência cultural que favoreça as atividades desse mercado. Como a leitura é uma habilidade adquirida e aprimorada na prática ao longo do tempo – e também pela qualidade do que se lê – é importante levar em conta o fator da formação educacional do público que se espera

agregar. Com uma educação deficitária – falhas durante o processo de letramento, por exemplo – toda uma geração de futuros leitores pode ser aniquilada ou tristemente perdida para a trevas do analfabetismo.

Uma auditoria interna demonstrou o resultado inevitável da desproporcionalidade do investimento feito com a demanda do mercado: os estoques estavam abarrotados de exemplares e a Seção Editora encontrava-se “no vermelho”. O fato era que o número de leitores não crescia na mesma proporção que a demanda de livros editada e lançada ao mercado. Dessa forma, a empresa decidiu, a partir de 1946, diminuir, de forma gradual, suas edições: a estratégia visava tornar os trabalhos financeiramente viáveis e esse ritmo permaneceria até o ano de 1950, impactando os resultados da coleção *Biblioteca dos Séculos*. Em 1947, o esquema cuidadosamente elaborado para a edição das obras da Seção Editora sofreu um desmonte: a equipe de tradutores foi reduzida e, após a morte de José Bertaso, em 1948 – o patriarca havia viajado ao Rio de Janeiro com a finalidade de realizar um tratamento de saúde – os herdeiros decidem, em meio ao impacto causado pelo falecimento de uma figura tão emblemática, transformar a empresa em sociedade anônima.

Finalmente, em 1956, a Seção Editora consegue sua autonomia: com um catálogo com mais de dois mil títulos a casa publicadora é reestruturada e passa a ser Editora Globo S.A. O mesmo acontece com a Livraria do Globo, que agrega o Sociedade Anônima à sua razão social. Erico esporadicamente colaborava com a editora, ora dando conselhos literários, ora traduzindo. Em 1977, faleceu em decorrência de um ataque cardíaco. Em 1977, Henrique o acompanharia vitimado por um edema pulmonar. Apesar da perda de pessoas tão emblemáticas, a Livraria do Globo e a Editora do Globo seguiram com suas atividades de forma regular e, em 1980, a editora passou a operar no Rio de Janeiro.

Por volta de 1986, a editora Rio Gráfica adquire grande parte do catálogo da Editora do Globo, pois almejava investir e melhorar suas publicações literárias, em especial as coleções de romances para bancas de jornais. A Rio Gráfica pertencia à Rede Globo, e, além do interesse em incorporar o catálogo primoroso da editora gaúcha, “teriam o nome Globo perfeitamente adequado às diversas atividades das Organizações Globo” (Bertaso, 2012, p.318): por mero acaso as duas empresas possuíam o mesmo nome e símbolo comercial. Em 1989, a editora é renomeada como Editora Globo e passa a integrar as empresas que compõem as Organizações Globo. Bertaso (2012, p.318) relembra que “na ocasião em que as Organizações Globo assumiram o

controle da editora, tínhamos anotados no nosso livro de registro de edições 2.830 títulos publicados”. Era o fim de uma era e o início de uma nova para as publicações da Livraria do Globo no Brasil.

As filiais da Livraria do Globo pelo Brasil foram, uma a uma, ao longo dos anos 2000, fechando suas portas. A Livraria do Globo na Rua no número 1416 da Rua dos Andradas manteve suas atividades até 2008, ano de seu canto do cisne: a empresa encerraria definitivamente suas atividades. Hoje, no prédio de fachada imponente, lojas do setor varejista ocupam o espaço da livraria e editora que, outrora, reunia em suas vitrines e salas, a produção e a presença da nata da intelectualidade porto-alegrense.

3 ENTRE A EDITORA E A REVISTA: NASCE UM SISTEMA

Reúne-se, neste capítulo, material de caráter documental, retirado da *Revista do Globo*, de natureza variada. Entre esses documentos encontram-se:

- a) Texto de apresentação da primeira edição da publicação do periódico (ANEXO A);
- b) Artigo de opinião com caráter de crítica literária (ANEXO B);
- c) Comentário crítico sobre a recepção da primeira edição da *Revista do Globo* (ANEXO C);
- d) Primeiro conto publicado de Erico Verissimo, que marca a sua estreia literária (ANEXO D);
- e) Publicidades e chamadas comerciais para os lançamentos do catálogo da Seção Editora (ANEXOS E, J, M, N e P);
- f) Seções da *Revista do Globo* relacionadas à literatura (ANEXOS F, I, L e O);
- g) Resenha crítica sobre lançamento literário (ANEXO G);
- h) Folha de rosto da publicação onde se apresenta Erico Verissimo como o secretário da publicação (ANEXO H);

Por meio da análise dessa coletânea de materiais, podemos estabelecer a relação entre a *Seção Editora* e a *Revista do Globo*. Esta vinculação resultou em um sistema por elas criado que, de forma contínua, se complementava. Com a consolidação da editora a partir do sucesso das coleções, tornou-se cada vez mais necessária a criação de seções na *Revista do Globo* que estivessem relacionadas ao universo literário. Devido à demanda criada pela editora, a ampliação e o destaque para essas seções foi um caminho natural, pois desde sempre a *Revista do Globo* dedicou espaço em suas páginas para a literatura e aos assuntos relacionados ao tema.

Even-Zohar (1990) comenta sobre a mobilidade dos papéis do produtor e do consumidor dentro de um sistema literário. Segundo o teórico:

A teoria literária clássica tem como hipótese um “leitor” como aquela entidade para a qual a literatura é produzida. Não obstante, seria altamente inadequado pensar os modos nos quais a literatura funciona do lado do usuário, ou seja, para seus “consumidores”, somente em termos de “leitura”. Não porque ao longo da história grande parte do consumo de textos fosse levado a cabo mediante a audição, mas sim porque o “consumo”, como a produção, não está necessariamente circunscrito, nem sequer ligado nem à “leitura” nem à “audição” de textos. O “consumidor” como o “produtor”, pode se mover em vários níveis como participante nas atividades literárias. (EVEN-ZOHAR, 1990, p.33)

É interessante notar que o movimento em “vários níveis” envolve tanto o produtor quanto o consumidor em uma dinâmica relacional que se retroalimenta: a *Seção Editora* utiliza-se de espaços da publicação que, assim como ela, tem como matriz e gestora a Livraria do Globo. Evidentemente a empresa valia-se de ferramentas internas que, além de diminuir o custo de divulgação em outros espaços, valorizava os produtos por ela publicados. Por outro lado, leitores da *Revista do Globo* tornavam-se produtores de conteúdo ao terem seus textos – crônicas, contos e poemas, entre outros – publicados na revista.

Erico Verissimo é um exemplo dessa mobilidade de papéis: de consumidor-leitor passou a produtor de conteúdo (secretário e diretor da publicação e, em paralelo, escritor) para, logo em seguida, assumir para si o papel de instituição como conselheiro editorial. Tal como prevê a Teoria dos Polissistemas, sua função de conselheiro editorial era alimentada pelo consumidor-leitor Erico Verissimo que, a partir das leituras que realizava, indicava novos títulos e autores para o catálogo da *Seção Editora*.

Além da publicidade propriamente dita, a *Revista do Globo* assumiu para si dois papéis importantes: a de divulgadora cultural e o de criadora de espaços de reflexão literária. Em suas páginas acontecia a divulgação de talentos que despontavam no cenário nacional – entre eles Erico Verissimo (Anexo 4) e Rachel de Queiróz (Anexo 7) – e regional, promovendo a literatura sul-rio-grandense – como, por exemplo, a obra de Simões Lopes Neto, tanto localmente quanto em nível nacional, e também de autores estrangeiros que obtiveram destaque literário e que passaram a compor o catálogo da *Seção Editora* (Anexos 5, 9, 10, 11, 12, 13, 14 e 15). A divulgação também tinha caráter informativo, pois deixava os leitores a par sobre o andamento das obras que viriam a ser publicadas, em que estágio estavam as traduções, a agenda de publicações, entre outros temas.

O propósito inicial da *Revista do Globo* em “constituir uma ponte de ligação mental e social entre o Rio Grande e o resto do mundo” (REVISTA DO GLOBO, 1929, n.1) foi um objetivo perseguido e plenamente alcançado pela publicação. Distante do forte eixo comercial-cultural do sudeste do País, a Livraria do Globo, de forma arrojada e ousada, conquistou respeito e espaço em meio ao mercado nacional de publicações. Essa “ponte de ligação” pode ser relacionada à Teoria dos Polissistemas, pois teve como base sistemas que se inter-relacionaram e interagiram entre si. Em

outras palavras, era uma via de mão-dupla: as publicações da Livraria do Globo – tanto a *Revista do Globo* quanto as obras do catálogo da Seção Editora – garantiram informação, entretenimento e cultura aos seus consumidores e, por outro lado, conquistaram o merecido destaque que ultrapassou os limites geográficos do Rio Grande do Sul.

A cultura é vista pela Teoria dos Polissistemas como um sistema constituído internamente por outros sistemas, recebendo deles influência direta ou indireta. Dessa forma, podemos relacionar as atividades da Seção Editora e da *Revista do Globo* a um viés cosmopolita que buscava integrar consumidores locais a uma comunidade nacional voltada para os produtos culturais, em especial os vinculados ao livro e à literatura. Even-Zohar (1990) também discorre sobre o que ele chama de “consumidores indiretos de textos literários” e a abrangência da influência e da troca cultural da literatura em uma comunidade:

Todos os membros de qualquer comunidade são ao menos consumidores “indiretos” de textos literários. Em tal qualidade, nós, como membros da comunidade, simplesmente consumimos uma quantidade de fragmentos literários, digeridos e transmitidos por variados agentes culturais e integrados no discurso diário. Fragmentos de velhas narrações, alusões e frases feitas, parábolas e expressões cunhadas, tudo isto e muito mais constitui o repertório vivo depositado no armazém de nossa cultura. (EVEN-ZOHAR, 1990, p.33.)

Henrique Bertaso e Erico Verissimo, pelo trabalho que desenvolveram na Seção Editora da Livraria do Globo, podem ser categorizados como os “agentes culturais” referenciados por Even-Zohar que, indubitavelmente, contribuíram de forma generosa para o “armazém de nossa cultura”. A despeito das dificuldades que enfrentaram – uma casa publicadora afastada do grande centro comercial do País e todos os custos que um processo pautado na excelência pode demandar, entre outros aspectos – seguiram firmes na crença de que o público-leitor brasileiro deveria ter acesso à informação e à cultura, sabedores da importância de ambas como elementos de integração ao mundo e à sociedade de seu tempo.

À época do lançamento da *Coleção Biblioteca dos Séculos*, na seção *Escritores e Livros* da *Revista do Globo* de 08 de fevereiro de 1941 (ANEXO P), a nova empreitada editorial da casa foi anunciada de forma confiante:

A Livraria do Globo está cumprindo à risca o maior programa editorial que já se executou no Brasil. Pode-se dizer que aquele famoso verso de Castro Alves “Livros...Livros à mancheia...” está sendo obedecido rigorosamente.

Sem saber, o redator do texto havia cunhado a frase que definiria a trajetória das atividades da Livraria do Globo para a posteridade: “o maior programa editorial que já se executou no Brasil.” Henrique Bertaso e Erico Verissimo da equipe da Seção Editora haviam conquistado seu “lugar ao sol” no panteão da história das publicações no Brasil. E garantiram morada perene no coração e no imaginário dos leitores brasileiros.

CONCLUSÃO

A trajetória da Livraria do Globo e das publicações por ela editadas apresentam, desde a criação, fortes elementos de empreendedorismo e busca pela novidade. A ousadia de seus diretores e editores, na longínqua Porto Alegre, em galgar posição em meio ao concorrido mercado editorial do eixo Rio-São Paulo, é um fato digno de admiração e que atiçou a curiosidade dos editores e lançou seus olhares curiosos para a sul-rio-grandense Livraria do Globo.

Desde o seu lançamento, em 5 de janeiro de 1929, a *Revista do Globo* já firmava para si o compromisso público de se “constituir como uma ponte de ligação mental e social entre o Rio Grande e o resto do mundo”. (REVISTA DO GLOBO, 1929, n.1). Além de divulgar e promover as atividades socioculturais que aconteciam em todo o estado, a *Revista do Globo* foi um excelente canal de divulgação da literatura regional e nacional. Mais tarde, viria a ser o meio de comunicação que manteria os leitores sul-rio-grandenses informados sobre os lançamentos literários, tanto os da Seção Editora como os publicados nos Estados Unidos e na Europa.

A *Revista do Globo* também se projetou no cenário cultural brasileiro, conquistando espaço e visibilidade para as atividades que divulgava e que se situavam fora do eixo Rio-São Paulo, lugares nos quais, sabidamente, encontravam-se as editoras e os escritores destacados no cenário literário nacional.

O apoio recebido tanto do meio intelectual como da classe política sul-rio-grandense foi de grande valia e um forte elemento motivador para a criação de uma revista que fizesse jus aos talentos literários locais e que almejavam, merecidamente, projeção além dos limites do Rio Grande do Sul.

Outro desafio era incluir o estado do Rio Grande do Sul no mapa cultural brasileiro. É inegável que a ascensão política de Getúlio Vargas fez o resto do Brasil voltar os olhos com maior curiosidade para tudo que era produzido nas longínquas terras ao sul do país. Futuramente, o próprio projeto cultural de Getúlio Vargas – a retomada de uma busca da identidade nacional – fortaleceria as iniciativas com esse fim.

De forma dedicada e perseverante, a publicação criou espaços de divulgação literária em suas páginas. Seções como *Vida Literária*, *Livros & Autores*, *A página dos Novos*, *Contos Comprimidos e Escritores* e *Livros* eram fonte de informação para o público que desejava estar inteirado sobre as novidades do universo literário regional,

nacional e internacional. As seções dedicadas à literatura na *Revista do Globo* também promoviam a reflexão, garantindo espaço para a crítica literária.

A divulgação da produção literária de talentos locais – romances, contos, crônicas, artigos e poemas – apresentou ao público, por meio das páginas da revista, talentos como Erico Verissimo, que teve sua estreia literária promovida nas páginas da publicação.

O crescimento contínuo da comunicação de massa ao longo do século XX – as duas Grandes Guerras Mundiais, por exemplo, tiveram farta cobertura jornalística pelas publicações de todo o mundo – aliado ao contínuo e progressivo avanço tecnológico, favoreceu a comunicação e inseriu a todos no que o filósofo canadense Herbert Marshall McLuhan denominou como Aldeia Global – sendo a tecnologia o elo que nos interligaria não somente como cidadãos alocados em seus respectivos países e culturas, mas como cidadãos do mundo. O empenho de Henrique Bertaso e Erico Verissimo no que se refere ao acesso do leitor brasileiro à cultura e à informação vai de encontro ao desejo de inseri-lo em uma comunidade cultural nacional e internacional.

A despeito das críticas que a Seção Editora da Livraria do Globo veio a receber de seus contemporâneos por ter investido pesado, desde sempre, em literatura estrangeira – em especial a estadunidense e a inglesa – essa decisão comercial foi pautada nesse desejo de inserção do público brasileiro em uma cultura anglófona que, com o auxílio poderoso da indústria de filmes de Hollywood, capturou mentes e corações ao redor do mundo desde a primeira metade do século XX. Henrique e Erico se mantiveram atentos e abertos às novidades editoriais que se apresentavam diante deles: entre acertos e erros, construíram um catálogo de obras que, mesmo hoje, causa admiração em quem o analisa.

Mestres do romance policial, do suspense e da aventura e clássicos atemporais da literatura estiveram ao alcance do leitor brasileiro com traduções esmeradas – muitas delas feitas por escritores renomados – resultado do trabalho de uma equipe de produção especialmente focada na qualidade. Esse encontro de mundos que parece tão diametralmente oposto – o do cânone e o da literatura dita periférica – foi uma das grandes conquistas da Seção Editora da Livraria do Globo e, ilustra, de forma brilhante, a dinamicidade proposta por Even-Zohar (1990) em sua Teoria dos Polissistemas: as relações da literatura canônica com a literatura de massa, ou *best seller*, apresentam intersecções e, em alguns momentos, beneficiam-se mutuamente. Uma nova articulação no sistema absorve partes uma das outras e, no caso da literatura

de massa, pode vir a adquirir, em alguns casos, qualidades de prestígio artístico. Ambos, como livreiros e leitores experientes que eram, sabiam de antemão que, quase sempre, o leitor inicia sua aventura no mundo da leitura por meio da literatura de entretenimento.

A trajetória da Livraria do Globo e de suas publicações é merecedora da menção e do estudo feito por diversos estudiosos justamente pelo seu caráter inusitado, inovador e ousado. A parceria de Henrique e Erico foi um encontro de almas: de um lado, o leitor qualificado apaixonado por literatura; do outro, o editor nato, de sensibilidade aguçada e espírito aventureiro. Juntos construíram uma das aventuras editoriais mais extraordinárias que o mercado nacional já viu e seguem como referência profissional para as próximas gerações de curadores e editores.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Sonia Maria de. *Em busca de um tempo perdido: edição de literatura traduzida pela Editora Globo (1930-1950)*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- BERTASO, José Otávio. *Coisas de família*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1997.
- BERTASO, José Otávio. *A Globo da Rua da Praia*. São Paulo: Globo Livros, 2012.
- BOTTMAN, Denise.; KARAM, Sérgio. *A Coleção Amarela da Livraria do Globo (1931-1956): dados, análises e considerações*. Disponível em: <https://www.academia.edu/28188803/A_ColeC3A7C3A3o_Amarela_da_Livraria_do_Globo_1931-1956_dados_anC3A1lises_e_consideraC3A7C3B5es>. Acesso em: 29 de novembro de 2016.
- CASTRO, Maria Helena Steffens de. *O literário como sedução: a publicidade na Revista do Globo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- EL FAR, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. *O sistema literário*. Tradução de: Luis Fernando Marozo et al. Disponível em: <https://english.tau.ac.il/>. Acesso em: 29 de novembro de 2016.
- FERREIRA, Anderson. *Este aqui é um best-seller! Mas...quem é o autor? Fórum Linguístico*, Florianópolis, v.13, n.3, p. 430-443, 2016.
- FISCHER, Luís Augusto. *Literatura gaúcha*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EDUSP, 2012.
- MACHADO, Ubiratan. *Pequeno guia histórico das livrarias brasileiras*. São Paulo: Ate-liê Editorial, 2009.
- MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Rio Grande do Sul: UFRGS/IEL, 1978.
- MOREIRA, Alice Terezinha Campos, et al. *A face literária da Revista do Globo: poesia, narrativa e crítica*. In: X Salão de Iniciação Científica PUC RS, Porto Alegre, 2009.
- REVISTA DO GLOBO: PUC RS. Porto Alegre: 1929-1967. CD ROM. Consultados os CDs número 2 (1929-1932), número 3 (1933), número 4 (1934-1939) e número 5 (1941).
- RÓNAI, P. *A comédia humana no Brasil – História de uma edição*. *Travessia*, Florianópolis, n.16,17,18, p.272-278, 1989.
- ROSENBLATT, Maurício. *A visão editorial de Erico Verissimo*. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, PUCRS, v.21, n.3, p. 31-42, 1986. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/issue/view/809>. Acesso em 17 de dezembro de 2016.

SOARES, Gabriela Pellegrino. *Semear horizontes: uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SORÁ, Gustavo Alejandro. *Brasilianas: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo: EDUSP, 2010.

SOUTO, Sheila Maria Tabosa Silva. *Tradução no contexto da Era Vargas: Erico Verissimo, tradutor de Aldous Huxley*. 2014.108 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ufpb.br/handle/tede/6296>. Acesso em: 12 de dezembro de 2016.

TORRES, Waldemar. *Erico Verissimo: editor e tradutor – viagens através da literatura*. Porto Alegre: AGE, 2012.

TORRESINI, Elizabeth Wenhausen Rochadel. *As coleções da Livraria do Globo de Porto Alegre (1930 a 1950)*. In: I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial. Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 2004.

TORRESINI, Elizabeth Wenhausen Rochadel. *Editores do Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo: EDUSP, 1999.

VERISSIMO, Erico. *Um certo Henrique Bertaso*. Porto Alegre: Globo, 1973.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

ANEXOS



ANEXO A - Texto de Mansueto Bernardi no primeiro número da *Revista do Globo*, 05 de janeiro de 1929.

O ANNO LITERARIO DE 1928

BALANCEANDO, ha tempos, a nossa actividade literaria, tive ensejo de assignalar o seu avanço impressionante, em relação ao movimento cultural do resto do Brasil.

Tão significativo é, com effeito, esse avanço que alguns escriptores de reconhecido senso critico já enxergaram nella uma das manifestações mais expressivas do espirito de renovação que empolga a mentalidade contemporanea.

A contribuição literaria do Rio Grande não sobressae, entretanto, pela exuberancia, pelo volume, editorialmente falando. Considerada sob esse aspecto, teriamos de reconhecer, talvez, a sua inefficacia, como factor cultural. O que nella se tem posto em destaque, por isso mesmo, é o caracter de independencia, de autonomia intrinseca, por assim dizer, que a singulariza, localisando-a dentro do tempo, mas differenciando-a dos processos estheticos em voga.

Se a memoria não me falha, incidiram no mesmo ponto de vista os srs. Plínio Salgado e Tristão de Athayde, mais explicitamente o primeiro, numa magnifica conferencia feita, ha mezes, em São Paulo, sobre a actualidade literaria do Rio Grande.

É pelo criterio qualitativo, pois, que deve ser apreciada, numa impressão de conjuncto, a nossa produção intellectual. Sob esse prisma, precisamente, á que corresponde ao anno findo, não é inferior á dos anteriores, a partir de 1925.

Mantem-se, ainda, em estado intensivo o impulso renovador que, daquella data para cá, pôz em promissora evidencia uma geração de intelligencias moças e cultas. Algumas dellas já conseguiram realizar trabalhos de um admiravel equilibrio, enquanto outras, em plena floração, procuram affirmar-se victoriosamente.

Para confirmar o que dizemos, não se torna necessario citar nomes. A critica vem pondo-os em destaque, aqui e ali. Elles apparecem quotidianamente na imprensa e nas publicações literarias do país.

Restringindo-nos, porém, a uma enumeração de caracter informativo, de interesse bibliographico, não está demais registrar o movimento editorial do anno de 1928. Com o fim de apresental-o o mais completo possivel, precisamos abranger nessa enumeração, entretanto, ao lado das obras de literatura, todas as que foram publicadas no Estado e fóra do Estado, comprehendidas tambem as de caracter puramente scientifico, tendo em vista a circumstancia de serem riograndenses os respectivos autores.

Da Livraria do Globo, o importante e modelar estabelecimento graphico já tão conhecido, saiu a maioria das edições apparecidas no Estado.

O nosso mercado editorial está, por isso, na dependencia quasi exclusiva, de seus prélos. Essa dependencia tem sido, é justo reconhecer mais uma vez, proveitosissima, porém, ao desenvolvimento cultural do Rio Grande. Sem contarmos com uma empresa nas condições da Livraria do Globo, talvez não fôsse possivel o surto literario que tornou rapidamente conhecidos alguns escriptores de maior merecimento da nova geração.

Deixando de parte as numerosas traducções, principlmente de romances e contos, as obras editadas pelo referido estabelecimento pódem ser assim discriminadas: "Julio de Castilhos", por Othelo Rosa; "Gado Chucro" e "Tu", por Vargas Netto; "Colonia Z", de Ruy Cirne Lima; "No Galpão" (3.ª edição), por Darcy Azambuja; "Evolução das Ideas", de Renato Cor-

reia de Oliveira; "Novena á Senhora da Graça", por Theodemi-ro Tostes; "Trabalhos e Costumes dos Gaúchos", por S. de Sá Britto; "Giraluz" e "Duas Orações", por Augusto Meyer; "Tres Poemas Franciscanos", por Mansueto Bernardi; "Trem Ja Serra", por Ernani Fornari; "Traços Eternos do Rio Grande", por Fernando Osorio; "A Terra Gaúcha", por Henrique de Casaes; "Vocabulario Gaúcho" (2.ª edição), de Roque Callage; "Lições de Clinica Medica" (3.ª série), do dr. Heitor Annes Dias; "O Orçamento Riograndense", por Fernando Caldas; "O Estado Sanitario do Rio Grande do Sul", do dr. Castro Carvalho; "Notas para a historia de Porto Alegre", por Gastão Haslocher Mazon; "Novo Dicionario Nacional", do Padre Carlos Teschauer; "Captação de Aguas", do dr. Antonio Si-queira; "Manual de Teoria e Pratica do Processo Penal" (3.ª e 4.ª vols.), pelo dr. Innocencio Borges da Rosa; "Assumptos Militares", do Coronel Alvaro de Alencastro; "Da acção executiva", por Odorico da Silva Camargo;

Fôram editadas, nesta capital, mais as seguintes obras: "Taxa judiciaria", do dr. Fanor Azambuja Marsillac, "Lições de Medicina Social", do professor Gonçalves Vianna; "Viagens e Estudos", por D. João Becker; "Vida e Obra do Padre Roque Gonzales de Santa Cruz", (2.ª edição), pelo padre Carlos Teschauer. Fóra do Estado, em São Paulo e Rio, appareceram: "O Brasil e a Raça", "Brasilidade" e "Civilização contra Barbarie", de Baptista Pereira; "A Questão Social", de Felix Contreiras Rodrigues; "Através do Rio Grande do Sul", de Fernando Callage; "Rodeio de Estrellas", por Manoelito d'Ornel-las; "Revivencias", do dr. Damasceno Ferreira.

As ultimas edições do anno estão assignaladas, convem observar, por "Tu", de Vargas Netto, e "Trem da Serra", de Ernani Fornari, ambos apparecidos ainda em dezembro findo.

Vargas Netto, o poeta querido e triumphante de "Tropilha Crioula", nos deu em "Tu" um magnifico breviario de lyrismo passional, ao passo que Ernani Fornari nos offereceu, com "Trem da Serra", uma excursão maravilhosa, cheia de exuberancias ritmicas, de imagens cinemadas, de um imprevisito saboroso e forte. São dois livros, já se vê, capazes de assegurar o saldo do anno literario, se outros, porventura, não o tivessem, antes, assegurado.

Ha uma tarja de luto, finalmente, a anotar á margem deste balanço da nossa actividade literaria, correspondente a 1928. É a que deve registrar, aqui, o fallecimento de Eduardo Guimaraens — um dos mais legitimos valores mentaes do Rio Grande.

O prematuro desaparecimento do autor da "Divina Chimera" abre um enorme claro na vida intellectual riograndense. Porque Eduardo Guimaraens não era apenas o poeta de uma invulgar receptividade emotiva; era, tambem, uma das intelligencias mais finas que possuamos, no sentido esthetico da expressão.

Foi, sem duvida, como quasi todos os da sua geração, um desenraizado do ambiente. Educára-se, emotivamente, bebendo o licor verde dos filtros verlaineanos e saturando-se do nuan-cismo melodico de Mallarmé. Mas foi, maugrão a embriaga-dora ascendencia, um poeta que não raras vezes conseguiu vincar, num poema feliz ou numa estrophe estylizada, o acento proprio, o "signal insubstituivel", de que fala Unamuno — o signal fatidico que faz uma creatura ser diferente de todas as outras creaturas deste mundo.

Luiz Vergara.

REVISTA DO GLOBO

ANEXO B - Artigo de Luiz Fernandes Vergara, advogado e político brasileiro, no número 2 da *Revista do Globo* de 19 de janeiro de 1929. Vergara também ocuparia o cargo de Ministro Chefe da Casa Civil durante o governo de Getúlio Vargas entre os anos de 1936 e 1945.

R E V I S T A D O G L O B O

COMO REPERCUTIU O NOSSO APPARECIMENTO

Foi com estes conceitos captivantes que os nossos distinctos collegas do *O Popular* de Caxias, de 17 de janeiro, se referiram ao apparecimento da "Revista do Globo":

"Abrindo espaço em nossa columna de honra, para noticiar o apparecimento, em Porto Alegre, da "Revista do Globo", fazemo-lo na persuasão de que, desse modo, mais do que com palavras, significamos o valor que um tal evento representa para a intellectualidade sul-riograndense.

O seu primeiro numero appareceu no dia 5 do corrente, e com elle não se sente diminuir, mas, antes, augmentar o enthusiasmo que a expectativa despertara.

A "Revista do Globo" concretisa uma realisação que o desenvolvimento social do Rio Grande, destes ultimos annos, vinha, havia muito, impondo como etapa inescusavel do nosso progresso mental.

Dizer que a "Revista" é publicada sob o patrocínio financeiro do grande empreendedor sr. José Bertaso, da Livraria do Globo, e que tem como directora a intelligencia de escol de Mansueto Bernardi — equivale a dar a segurança do pleno successo que a espera nos dias que hão de vir.

A "Revista" terá a collaboração dos mais brilhantes escriptores e jornalistas da capital.

Tentativas anteriores, de uma publicação desse genero, fracassaram sempre, por motivos diversos, entre os quaes, o habito de transformar as paginas de uma revista, que deve ser sustentada pelo grande publico, em torresinhas de exclusividades litterarias, do alto das quaes esthetas, torturados e mal comprehendidos, atravez o mirante egypcio da sua arte falam, uns para os outros, uma dialectica interminavel de elogios mutuos.

"Globo" afasta essa hypothese declarando, em seu artigo de apresentação,

que se propõe registrar e divulgar tudo o que no Rio Grande houver, doravante, digno de registro e divulgação.

E, collimando um ideal mais alto, aspira "constituir uma ponte de ligação mental e social entre o Rio Grande e o resto do mundo."

E a constituirá, por certo, porque, effectivamente, relevante papel lhe esta reservado na actual phase da evolução rio-grandense.

A revista é o meio mais proprio e adequado para um intercambio de valores intellectuaes.

Meio termo entre a folha diaria, — que mais reflecte factos do que ideas, e pela qual o leitor passa rapidamente o olhar, — e o livro — que exige maior tempo e meditação, ella preenche os intervallos do labor quotidiano; ella divulga os factos communs sob a synthese authentica da imagem photographica; cogita das artes e das sciencias, informa e orienta, é, enfim, uma expressão periodicamente renovada e elegante da mentalidade dominante no momento, a actuar e influir sobre a classe social mais alta, que a lê.

"Revista do Globo" está feita para vencer, e vencerá, contrariando embora "todas as vezes negativas que se entrecruzam no ar, ressoantes de ironia, de indifferença e de descrença; "Revista do Globo" quer ser uma voz de estímulo e de affirmação; quer ser um orgão-centro de coordenação e mobilização de energias moraes, para um fim superior de utilidade social."

"Fóra de partidos e acima de partidos, nesta phase auspiciosa de apaziguamento das paixões, de audazes iniciativas publicas e particulares, de ventilação de espiritos, de transmutação de valores, a "Revista" quer construir qualitativamente para o Rio Grande do Sul."

Se o Rio Grande não amparasse um orgão de publicidade que assim se apresenta, seria precisamente porque a sua mentalidade ainda não na merecia. — D. N."

O País, do Rio, noticiou o recebimento do nosso primeiro numero com estes conceitos desvanecedores:

"Offerecida pela filial da Empresa de Publicidades, "A Ectetica", com sede nesta capital, recebemos um exemplar do numero inicial da "Revista do Globo", quinzenario de cultura e de vida social, editado em Porto Alegre, sob a competente direcção de Mansueto Bernardi.

O titulo da presente revista tem intimas affinidades com a livraria e casa editora do mesmo nome, de que tem irradiado a maior parte do movimento intellectual riograndense destes ultimos annos.

Assim, esse quinzenario propõe-se registrar e divulgar, com o auxilio da Livraria do Globo, tudo o que, no Rio Grande, houver e doravante occorrer digno de registro e divulgação, tornando-se um orgão-centro de coordenação e mobilização de energias moraes, para um fim superior de utilidade social.

A "Revista do Globo" traz, neste seu magnifico numero de apresentação, um farto texto de trabalhos assignados por nomes de reconhecido valor no mundo litterario portoaalegrense.

Trabalho typographico, executado a rigor, contem abundantes illustrações, entre ellas artisticas trichromias. Destacam-se, pela sua originalidade e acabamento artistico um desenho da artista brasileira Helena de Magalhães Castro, por João Fahrion; um crayon, "Ave nocturna", de José Rasgado; "Black Bottom", de Sotero Cosme. Na parte litteraria figura um curioso trabalho, sob o titulo "A' margem do regionalismo", assignado por João Pinto da Silva, escriptor de legitimo valor espiritual.

A "Revista do Globo", está, pois, a ser um apparelho de recepção e transmissão, no Rio Grande do Sul, de todas as ondas notaveis do pensamento contemporaneo."

UM RASGO DE FORD

Henry Ford eliminou das suas fabricas o trabalho nocturno, declarando que o verdadeiro trabalho productivo só pôde ser obtido durante o dia.

PROGRESSOS

Effectuaram-se em Londres interessantes experiencias com lampadas electricas automaticas para illuminação das ruas. Cada uma destas lampadas é provida de uma cellula de selenio que, extremamente sensivel ás mudanças de temperatura, accende automaticamente a lampada logo que chegue a tarde ou que haja nevoeiro.



Ovos recheados au gratin

Cozinham bem cinco ou seis ovos, descasquem-os e cortem-os ao meio no sentido do comprimento. Tirem as gemmas e arrumem as claras cozidas em um prato, untado de manteiga, que vai ao forno. Partam meudamente duas cebolas pequenas e deurem na caçarola com um pouco de manteiga; juntem então uma duzia de champignons e as gemmas, tu-

do finamente picado. Misturem isto e temperem de sal, pimenta do reino e noz moscada.

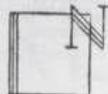
Deitem em outra caçarola uma colher de farinha de trigo; mexam e juntem meio litro de leite fervendo. Cozinhem um quarto de hora com um raminho de salsa e cheiro, e um pouco de sal. Juntem duas colheres deste molho branco ao recheio de gemmas e champignons e com isso enchem as cavidades das claras. Despejem em seguida o molho branco sobre o prato, polvilhem de queijo ralado, reguem com um pouco de manteiga derretida e levem ao forno brando antes de servir.

Silina.

REVISTA DO GLOBO

ANEXO C - Texto de Mansueto Bernardi sobre o lançamento do número 1 da *Revista do Globo*, na edição de número 4 de 16 de fevereiro de 1929.

L A D R Ã O D E G A D O



UNCA se registrara um roubo de gado nos campos do "retiro". Aquelle era o primeiro. E fôra tão imprevisô e misterioso, que causara surpresa grande a toda a gente na fazenda.

Em duas noites consecutivas, — noites sem luz, de céu fôsko e estrellas apagadas, — sumiram-se duzentas rezes da Invernada Grande.

Juca Molambo, mulato velho que vira andeja a cruzar os campos, pousando aqui e ali, ora sobre as coxilhas descobertas, ora no abrigo dos galpões das estancias, garantia que por uma daquellas noites, a horas avançadas, vira no fundo da invernada um cavalleiro que tocava por deante uma ponta de gado, rumo da fronteira.

— Um cavalleiro só? — Inquirira curioso o coronel Raymundo, proprietario da fazenda.

O negro affirmara:

— Um só, meu patrão.

Era estranho, quem poderia ser o ladrão nocturno? Algum indio vago, mestre na arte de arrebanhar o gado alheio? Algum aventureiro vindo do outro lado da fronteira? Ou um peão infiel?

Esta ultima hypotese parecia absurda aos olhos do estanceiro. Tinha sob suas ordens gente de absoluta confiança. Aurelio Santana, o capataz, e Manoel, seu irmão mais moço, eram rapazes sérios, honestos e de uma lealdade provada. Os outros, — dois velhos pretos que lidavam na fazenda havia um quarto de seculo, e um moleque que nascera e crescera alli na querencia, — eram todos insuspeitos por varias razões.

Uma tarde o fazendeiro reuniu a peonada no galpão e falou:

— Minha gente, isto não pode ficar assim. Temos de tirar a limpo esta historia. Darei vinte novilhos gordos a quem me pegar o ladrão.

Melo dia.

Sésta.

O campo lavado de sól, rebrilhava. A luz parecia tremer no ar parado. O céu tinha coruscações de metal.

No galpão os irmãos Santana descansavam, deitados mollemente sobre pellejos. Em torno delles o silencio era pesado e aniquillante como a hora tropical.

Em dado momento como se o ferisse uma lembrança subita Aurelio perguntou:

— Manésinho que é que você andava fazendo lá p'ras bandas da Invernada Grande na noite do roubo? Diga, que é que andava fazendo?

Manoel levantou displicentemente a cabeça e deu uma resposta infantil:

— Ué homem! Eu, nada . . .

O outro insistiu:

— Eu vi. O dia estava já começando a clarear. Você vinha vindo devagarinho, devagarinho, se espiando todo como negro fugido . . .

Manoel levantara-se. Estava pallido. Não dizia palavra e tinha os olhos baixos, pregados no chão.

O capataz continuou, num crescendo:

— Então, confessa? Não se defende? Diga tambem onde foi que arranjou toda essa dinheirama com que comprou botas novas e aquelle mundaréu de presentes para a Mariçota Lavadeira? Onde é que veio o dinheiro? Caiu do céu?

O rapazote tentou responder mas a voz ficou-lhe presa na garganta.

— Não fala? — insistia Aurelio. Não se explica? Será então que você? . . .

E dizendo estas palavras tinha um tremor de comoção na voz mascula.

Calou-se. Depois, desviando o olhar do irmão, fixou-o no campo aberto:

— Nosso pae foi um homem de verdade, — continuou, com uma expressão dolorosa nos olhos pardos. Capatazeou esta estancia durante vinte e tantos annos. Era a honradez em pessoa. Nunca ninguem não disse nada contra elle. Todos gostavam delle, todos admiravam elle. E si o velho Santana estivesse vivo agora tenho a certeza de que morreria de vergonha ao saber que você, você, Manésinho, era um . . . um . . .

Hesitou. Fez uma pausa curta. Depois, com esforço, terminou:

— . . . um ladrão de gado!

Olhando o campo verde e ondulado que se perdia longe, perto do céu, Manésinho pensava . . .

A suspeita do irmão doia-lhe na alma. Aurelio era para elle mais do que um irmão: era um pae.

Lembrava-se bem do dia em que, sendo ainda menino, vira o velho Santana estendido no chão, morto, com o ventre rasgado pelas aspas de um touro bravo. Desde esse dia triste Aurelio tomara conta da casa, da mãe velha, de uma irmã

pequena e delle, Manoel. Substituiria tambem o pae na capatazia da fazenda. E quem o visse aprumado e elegante em cima do cavallo, julgaria ter deante dos olhos o velho capataz resurrecto, a dirigir a peonada na faina dos rodeios.

E por isso tudo Manésinho lhe votava uma grande amizade e um respeito profundo.

Que fazer agora para se reabilitar aos olhos do irmão? Dizer a verdade? Confessar que passara toda a noite do roubo no rancho da namorada, a Mariçota Lavadeira? Nunca. Seria comprometter sériamente a rapariga. Era, então, preferivel que o tomassem por ladrão de gado.

Confessar que ganhara aquelle dinheiro ao jogo, na venda do Chico Allemão? Não. Seria tambem uma confissão penosa . . .

Mas, que fazer?

Veiu-lhe á memoria a promessa do fazendeiro:

— Darei vinte novilhos gordos a quem me pegar o ladrão.

Manésinho sorriu, esperançado.

Elle ia pegar o ladrão . . .

Durante cinco noites os empregados do coronel Raymundo rondaram os campos do "retiro". Mas inutilmente: o ladrão não voltava.

Ao cabo para dar descanso á sua gente, que andava tresnoitada, o fazendeiro poz termo ás excursões nocturnas.

Para maior segurança mandou levar para as bandas da Lagoa Bonita as rezes mais finas da estancia. Lá — pensava — estariam mais protegidas contra um novo roubo possivel.

Manoel andava triste. Suas excursões nocturnas tinham sido tambem improficuas.

Aurelio, sempre de cenho cerrado, não lhe dava palavra. Mesmo não olhava para elle.

O desprezo do irmão feria-o fundamentalmente. E Manésinho sentia no peito uma dôr fina mortificadora, dilacerante como a que devera ter sentido o velho Santana naquelle dia sangrento em que o colheram as pontas do touro enfurecido . . .

Um dia Manésinho encontrou na estrada o Venancio, cabôlo mal encarado que, havia pouco, apparecera pelas imediações do "retiro". Andava bem

AINDA NÃO LEU V. S.

AS OBRAS
DO GRANDE
ROMANCISTA

Hugo Wast?

◆

POIS A LIVRARIA DO GLOBO, DE PORTO ALEGRE, ACABA DE EDITAR AS SEIS MELHORES, QUE SÃO AS SEGUINTEs:

◆

FLÔR DE PESSEGUEIRO
A QUE NÃO PERDOOU
DESERTO DE PEDRA
A CASA DOS CÔRVOS
FONTE SELLADA
VALLE NEGRO

◆

| | |
|----------------------------|--------|
| Cada volume brochado | 6\$000 |
| " " encadernado | 9\$000 |

A venda em todas as livrarias do Brasil
LIVRARIA DO GLOBO
Porto Alegre -- Pelotas -- Santa Maria








ANEXO E - *Revista do Globo*, ano 3, número 2, edição de 17 de janeiro de 1931. Publicidade para as obras Hugo Wast, pseudônimo do romancista argentino Gustavo Martinez Zuviría. O autor é considerado um dos mais influentes do século XX.



vida literaria

Eça de Queiróz - Poeta

O Eça de Queiróz de 1866, a dar crédito aos que lhe pintaram a magnífica figura de espeto curvo (se não bastassem alguns retratos que ainda existem e que os almanacks publicam, cada anno, com a classica legenda de "reminiscências...") carregava esse ar de amarella abstracção e cansaço da vida, que costuma arrancar nos circumstantes indiscretos esta pergunta annihilante:

— Aquelle homem não é metido a poeta?

Mão grado a compacta bigodama que lhe cobria o labio fino que, mais tarde, haveria de ter, para a sociedade de seu tempo, o maldo sarcástico e fulminante dos sorrisos, Eça de Queiróz tinha, então, todo o tombo do poeta.

E era:

Ensalando, áquella época, as suas primeiras paginas litterarias; não escapou á regra inevitavel a que estão sujeitos todos esses desgraçados arranjadores de sonhos impossiveis...

Não escapou. E encordando algumas rimas e batendo com os dedos magros sobre a mesa, na contagem das syllabas, commetteu lá os seus "ricos cantares", sobre os quaes, certamente, os amigos intimos, ao ouvi-los recitados com a emphase indispensavel em momentos taes, bradavam para os lados, tentos de vinho e emoção:

— Esplendido, rapaz! Você está á fazer coisas lindas!...

Patatha Reis, entretanto, que foi um dos seus mais assíduos companheiros de bohémia, não era bem da mesma opinião.

Num estudo que fez sobre Eça de Queiróz, escreve: "Os versos que compunha eram de um enorme relevo pela originalidade da concepção e das imagens, e conservavam ainda a fluencia romantica, apaixonada, phantastica dos primeiros escriptos, quando elle já a havia quasi eliminado inteiramente da sua prosa rea-



Arlindo Damasceno Ferreira, autor deste ensaio. Poeta de grande emoção já nos deu dois livros bonitos: "Poemas do Sonho e da Desesperança" e "Luz de vidro".

lista. Mas teve, sempre grande difficuldade em comprehender e sentir os processos technicos da metrificacão."

Hoje, com certeza, o defeito que o outro lhe encontrava na incapacidade de comprehender os processos da metrificacão, seria, sem duvida, virtude excepcional... no poeta torturado...

Apezar de tudo, porém, Eça de Queiróz rimou e metrificou, á maneira dos românticos de mistura com Baudelaire,

Heine e outros cavalheiros mais ou menos em vóga, e de que são amostra interessantissima os versos abaixo:

Serenata de Satan ás Estrellas

Nas noites triviaes e desoladas,
como nos quero, mysticas estrel-
[las!...

lucidas, antigas camaradas...
gotas de luz no frio ar nevadas,
Pudesse a minha bocca inda be-
[bel-as...

Não vos conheço já. Por onde eu
[ando!
Sois vós mysticos pregos duma
[cruz,
que Christo estaes no céu cruci-
[ficando?
Quem triste pelo ar vos foi sol-
[tando
profundos, soluçantes ais de
[luz?...

Oh! viagem nas nuvens desman-
[chadas,
doces serões do Céu entre as es-
[trelas!
Hoje só ais, ou lagrimas cala-
[das!...
Si sementes de luz mal semeadas,
aves do Céu, pudesse eu ir co-
[mel-as!...

Triste, triste loucura, oh flor's
[da cruz,
quando vos eu disla soluçando:
— Afastai-vos de mim, caridos
[de luz! —
Pudesse eu ter agora os pés
[bem nus,

Inda por entre vós il-os rasgando!...
.....
Hoje estou velho e só, e corcovado;
causa-me espanto a sombra duma estôla;
Enche-me o peito um tedio desolado;
e corro o mundo todo estomeado,
aos abutres do céu pedindo esmôla.

Eu sou Satan, o triste, o derrubado!
mas vós estrellas sois o musgo velho
das paredes do céu deshabitado,

REVISTA DO GLOBO

ANEXO F - Revista do Globo, edição de 20 de fevereiro de 1931. Ano 3, número 8. A seção era dedicada ao universo literário e normalmente trazia biografias de escritores, assim como contos, poemas e novelas.

REVISTA DO GLOBO

QUINZENARIO DE CULTURA E DE VIDA SOCIAL

DIRECTOR: MANSUETO BERNARDI ↔ EDITORA: A LIVRARIA DO GLOBO

ANNO III

PORTO ALEGRE, 14 DE MARÇO DE 1931

N. 9

Em edição resumida, lançada por uma livraria do extremo norte do país, apareceu ha poucos mezes um romance novo — "O QUINZE". Lamentavelmente só chegaram até nós pouquissimos exemplares. A autora se chama Raqué! Queiroz. Tem apenas vinte annos. Até aqui não ha propriamente novidade. Mas o extraordinario está em que esse romance — do qual por motivos varios não se podia esperar muito, — é realmente notavel. Pela intensidade emotiva. Pelo estilo. Pelo sentido. Pela brasilidade da linguagem e do assunto. Narra a famosa e horrenda seca de 1915, no Ceará. Tem scenas dum realismo tocante, fortes, coloridas, nitidas — escritas com simplicidade e precisão magistraes. O livro é absolutamente novo. Sem literatice. Cheio de sol, barbaro, belo e tragico como a terra onde nasceu. Póde ser collocado ao lado dos melhores de

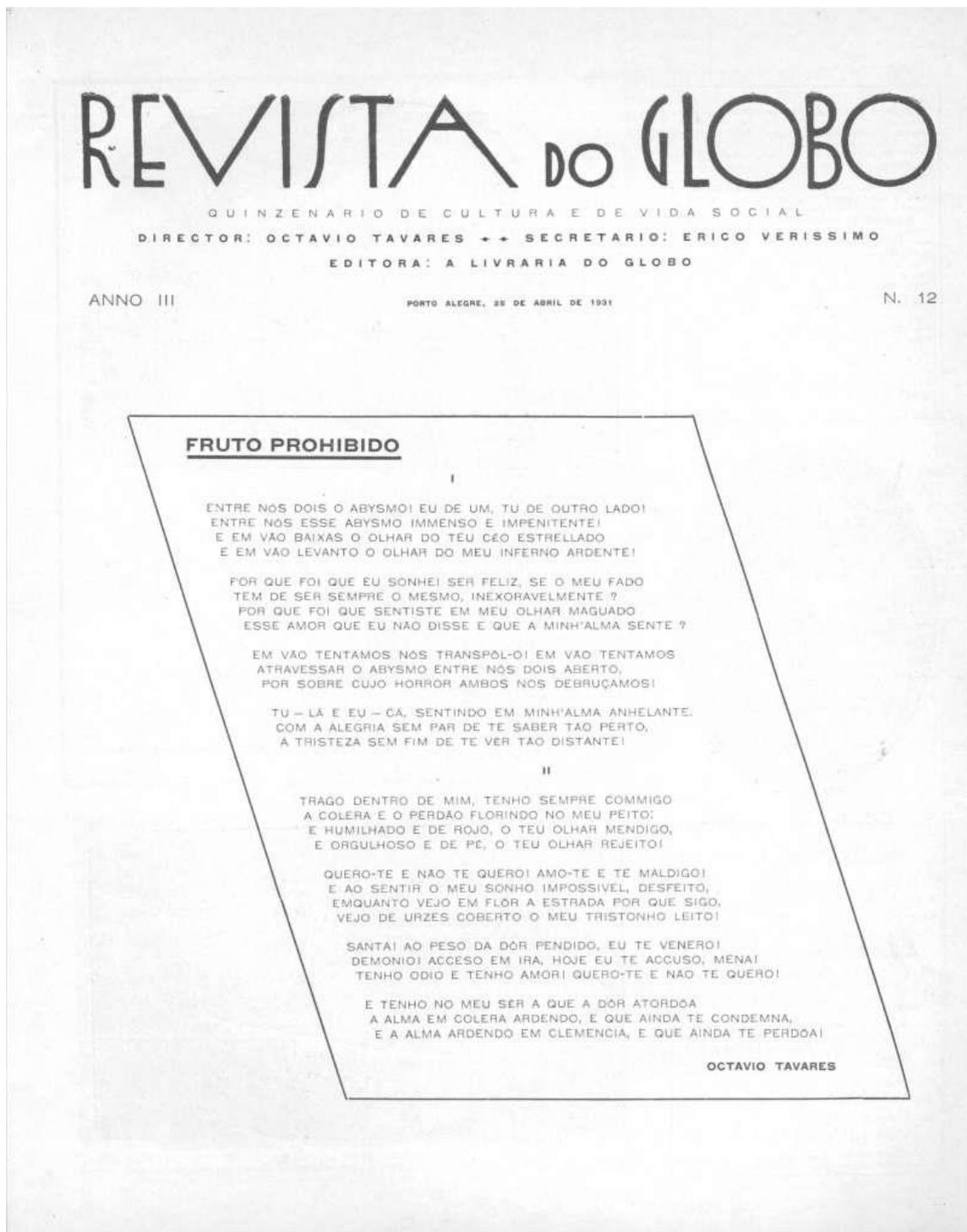


E. V.

nos-
sa lite-
ratura. E'
sem duvida
o melhor dos
ultimos tempos.
E talvez o mais pro-
fundamente brasilei-
ro de todos os tempos.
Na epoca agitada e cheia
de pressa febril em que vive-
mos, já não ha mais logar pa-
ra a literatura academica. Pa-
ra os livros de retórica, pala-
vrório rebuscado, imagens
peregrinas, folhas de acânto,
faunos, pífanos, ninfas . . .
E os requintadissimos Piti-
grillis permanecerão? E os
demolidores? E os inefaveis
otimistas que divulgam assu-
caradas receitas para bem vi-
ver? Achamos que só pode-
rão vencer livros como "O
Quinze", como os de Remar-
que. Os que foram escritos
com lagrimas ou com sangue.
Com sentimento. Com ver-
dade. Os que se despiram de
velhos preconceitos inuteis.
Os que se libertaram, afir-
mando-se . . . Raqué!
Queiroz teve uma es-
tréa vitoriosa. E é
quasi uma crian-
ça. Nós não
podemos du-
vidar do
Brasil
novo.

ANEXO G - Resenha de *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, assinada por Erico Verissimo.

Revista do Globo, edição de 14 de março de 1931. Ano 3, número 9.



ANEXO H - *Revista do Globo*, edição de 16 de abril de 1931. Ano 3, número 12. Primeira menção de Erico Verissimo como secretário da *Revista do Globo*.

Livros & Autores

Promoções Cíveis e Criminaes

DR. ABDON DE MELLO
Edição da "Livraria do Globo"

O dr. Abdon de Mello, 3.º promotor público desta capital, juntou ha pouco em um livro que traz o nome acima, os seus principaes trabalhos forenses.

Trata-se de uma obra interessante e verdadeiramente util a todos quantos se dedicam ás lides do Fóro.

Foi magnífica a impressão causada pelo livro do Dr. Abdon de Mello.

A elle se referem com termos altamente elogiosos, não só os principaes diarios desta capital como tambem varias personalidades de relevo no nosso meio jurídico.

Como Matei Rasputine

PRINCIPE YUSSUPOF
Edição da "Livraria do Globo"

Uma narrativa interessante, emocional, em que o principe Yussupof conta de como é por-



que mateu Rasputine — o sinistro monge que, com seu olhar magnético e sua personalidade insinuante, dominou a côrte Russa, influindo decisiva e perniciosamente, no destino do Império.

São paginas intensas, fortes, de sabor exquisito, que trazem o leitor em sobressalto constante.

Escrito em estilo simples, claro e despretencioso — "Como matei Rasputine" é livro que por mais de um titulo se recomenda.

No Paiz dos Soviets

J. LEFEVRE
Edição da Livraria do Globo



A Rússia continua no cartaz. Inquietante, mysteriosa, terrível.

Ha uma avalanche de livros que procuram estudar o ambiente russo sob todos os seus aspectos.

Os editores Barcellos, Bertaso & C.

estão traduzindo para nossa lingua alguns desses livros interessantes.

O primeiro a sair foi o livro de J. Lefevre — *No Paiz dos Soviets*, posto á venda ha algum tempo.

Trata-se de um estudo muito bem feito do ambiente russo, vasado em linguagem limpida, simples, acessível a toda classe de leitor.

A Tschéka

JORGE POPOFF
Edição da "Livraria do Globo"



O segundo livro da série mostra - nos em quadros terrificantes, dum colorido vivo — os horrores praticados por essa organização tremenda e inquisitorial, a Tschéka, que está a serviço dos Soviets e se estende tentacularmente pelo mundo.

Manual do viti-vinicultor Brasileiro

DR. CELESTE GOBRATO
Edição da "Livraria do Globo"

Eis um notavel tratado de viti-vinicultura. E' talvez o mais completo dentro quantos já se escreveram entre nós.

Contendo vasta e complexa matéria, exposta com clareza e simplicidade — *O Manual do viti-vinicultor* — é um livro que muita utilidade terá para os que se interessam pelo assumpto.

Emil Ludwig

é, como Erich Maria Remarque, um dos autores mais falados da actualidade.

Moço ainda, tem uma bagagem literaria verdadeiramente respeitavel, não só pela quantidade como tambem e principalmente pela qualidade dos livros que já publicou.

Napoleão

foi um livro que se impoz e venceu. Traduzido para uma infinidade de linguas, alastrou-se rapidamente pelo mundo civilizado. Outra obra de merito incontestavel!

Julho de 1914

Nela Ludwig estuda, com uma penetração admiravel, todos os acontecimentos diplomaticos que precederam a grande guerra. E', pois, um livro precioso que vem revelar ao mundo uma série importantissima de factos desconhecidos, que

tem ligação muito intima com o conflito europeu.

Os trabalhos de Ludwig não cansam; antes deliciam. Porque o illustre escritor judeu-alemão não é um historiador massudo e massante que só cita datas, documentos e nomes. E' o artista fino que sabe escrever com elegancia, beleza e colorido; o critico arguto e sensato que, deliciando o leitor, ao mesmo tempo o instrue.



Os editores Barcellos, Bertaso & C. lançarão, dentro em

breve, traduzidos para a nossa lingua, — *Napoleão e Julho de 1914*.

Em primeiro logar appareceu este ultimo, que se acha á venda em todas as livrarias, o qual tem tido uma procura admiravel.

Edgar Wallace

é o nome dum escriptor ingles que ganhou fama e riqueza com suas novelas de misterio e emoção.

Seus livros andam pelo mundo, traduzidos para um grande numero de linguas. São romances de aventuras pollicias, crimes, associações secretas, mysterios e fantasmas. Escriptos com elegancia e simplicidade, constituem leitura atraente, curiosa, que não cansa nunca.

Wallace é lido até pelos austeros homens de estado, cientistas famosos, que procuram nas suas novelas entretenimento e descanso.

A "Livraria do Globo" dará a publico, nos meses proximos, as seguintes novelas desse famoso escriptor: "*O Circulo Vermelho*", "*A Porta das Sete Chaves*" e "*O Sineiro*".

**

A sair brevemente

Da Collecção Inqueritos sobre a Russia

Henri Béraud — *O que vi em Moscovo*.

Panai A. Istrati — *A Russia Nua*.

Léon de Poncius — *As forças secretas da Revolução*.

Lue Durtain — *A outra Europa*.

Jorge Duhamel — *A vingem de Moscovo*.

José Douillet — *Moscovo sem mascara*.

ANEXO I - Revista do Globo, edição de 6 de junho de 1931. Ano 3, número 15. A seção Livros & Autores informava aos leitores sobre as publicações da Seção Editora: lançamentos, livros no prelo ou em processo de tradução. Nesta chamada, a revista anuncia que a Livraria do Globo publicaria os livros do escritor inglês Edgar Wallace: era o início das publicações da *Coleção Amarela*.

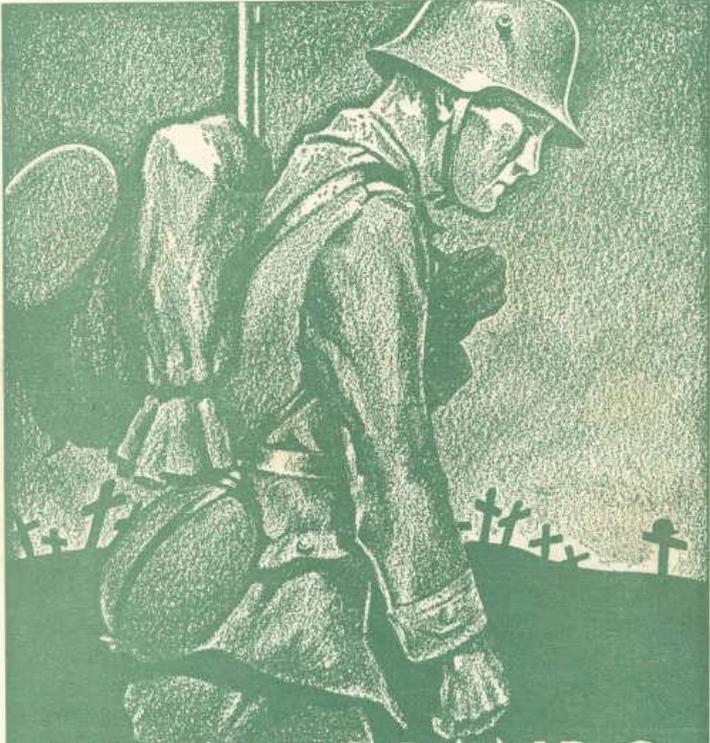
Depois de vêr

“NADA DE NOVO NO FRONT”

dia 7, no Theatro Apollo

Leia

7



**REGRESSANDO
DA GUERRA**

ERICH MARIA REMARQUE

EDIÇÃO DA LIVRARIA DO GLOBO - PORTO ALEGRE

1 vol. br. 7\$000
" " en. 10\$000

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

OFICINAS GRAFICAS DA LIVRARIA DO GLOBO - PORTO ALEGRE

ANEXO J - *Revista do Globo*, edição de 14 de julho de 1931. Ano 3, número 17. A Seção Editora aproveitava a influência do cinema para a vendagem dos livros de autores adaptados para as grandes telas. No caso, *Nada de novo no front* foi um filme adaptado de uma obra do alemão Erich Maria Remarque.

LIVROS E AUTORES

A Mulher e o Diabo

Edição de

Rio



Dentro de poucos dias será posto à venda no Rio e nos Estados o segundo livro de BERILO NEVES:

A Mulher e o Diabo. Por uma gentileza do Autor, foi-nos dado ler antecipadamente um exemplar do interessante livro, de cuja capa reproduzimos um "fac-simile" aqui ao alto.

BERILO NEVES é um escritor moço. Não obstante é dos mais lidos — ainda o mais lido — em todo o Brasil. Sua primeira obra — A COSTELA DE ADÃO realizou um milagre: teve quatro edições grandes que se esgotaram rapidamente e vai entrar agora para a 5.ª! Será preciso dizer mais?

A Mulher e o Diabo enfeixa uma coleção de contos curtos, muito bem construídos. Escritos com graça e leveza. Originais. Cheios de uma ironia sutil que ao mesmo tempo delicia e irrita... as mulheres.

Estamos certos de que — com o primeiro trabalho — o segundo livro de Berilo ha de triunfar em toda a linha, consolidando a justa fama de que seu autor goza: — a de figurar entre os mais finos contistas do Brasil.

A Livraria do Globo continua a lançar suas edições interessantíssimas, de magnífico aspecto material, obras de natureza varias escolhidas entre as melhores que saem da pena de escritores nacionais e estrangeiros.

O que vi em Roma — Henri Beraud
Depois do sucesso de **O que vi em Moscovo**, de Henri Beraud, aparece **O que vi em Roma**, do mesmo autor.

Henri Beraud é um observador sutil. Moderno. Sabe ver as cousas e sabe descreve-las. Ler os seus livros de reportagem sobre as grandes capitais do mundo, é viajar deliciosamente por Moscovo, Berlim, Paris, Roma, etc., sem saír da comodidade duma "mapple".

Beraud vê tudo. Vê a cidade, ve as gentes, os costumes, as tradições, as organizações políticas e sociais. Vê tudo. Com lucidez. Com senso, com equilibrio de idéas. E descreve tudo com maestria, numa linguagem simples e pitoresca.

A tradução de **O que vi em Roma** é esmerada e fiel como a do livro que descreve Moscovo.

Espionagem

H. R. Berndorf

A literatura da grande guerra de 914 — 918 é vasta e brilhante. Não é preciso citar autores nem obras.

Ha em seu numero de novelas que nos mostram, com ou sem romanceado, os horrores dos combates em todas as frentes.

Um novo aspecto não menos heroico e interessante nos revela o livro **Espionagem**. A historia quasi incrível de espíes e espias que arriscavam a vida para colher informações para seus exercitos. Aventuras terríveis, incursões de uma audacia espantosa, distarces, tratagemas habilicimos, — cousas que desafiam a imaginação do mais brilhante escritor de ficção — e cousas entretanto, que realmente aconteceram.

O crime da igreja Madalena

por Mirian Dou-Desperetes

A Livraria do Globo, com este interessante romance de misterio, inicia a serie **Clube do Crime**, que se comporá de novelas de aventuras e imaginação, em edições elegantes e baratas.



O Crime da Igreja Madalena é desses livros que apaixonam, prendem a atenção e se gravam indelevelmente na memoria do leitor.

O Bando Terrível

Edgar Wallace

Mais uma esplendida novela de Wallace o principe dos novelistas de misterio e aventura. Escrita com muita habilidade, imprevisto, clareza e emoção.



Veja:

Fantoches

Contos

e

Sketches

por

Erico Verissimo

REVISTA DO GLOBO

Winnetou

Winnetou

Winnetou

A

**COLEÇÃO
UNIVERSO**

PUBLICA OS MAIS INTERESSANTES LIVROS DE
AVENTURAS E VIAGENS

CADA VOLUME: Brochado 6\$000 — Encadernado 9\$000

EDIÇÕES DA

LIVRARIA DO GLOBO

PORTO ALEGRE

ATRAVES DO DESERTO

PELO KURDISTÃO BRAVIO

DE BAGDAD A STAMBUL

REVISTA DO GLOBO

ANEXO M - *Revista do Globo*, edição de 27 de agosto de 1932. Ano 4, número 17. Lançamento da Coleção Universo, com destaque para os livros do autor mais publicado da coleção: o alemão Karl May.

FUTURAS

A atividade editorial da Livraria do Globo promete ser tão intensa em 1933 quanto o foi no ano que acaba de expirar.

Entre os livros que aparecerão neste primeiro semestre, contam-se varios volumes da Coleção Amarela, de Edgar Wallace, Sax Rohmer, Fletcher, Van Dine e outros.

A "COLEÇÃO NOBEL", que se compõe dos melhores livros da literatura universal contemporânea será enriquecida com os livros "O FALECIDO MATHIAS PASCAL", de Luigi Pirandello "CLASSE 1902", de Ernst Gleaser, e "O HOMEM ETERNO", de G. H. Chesterton. Aparecerão outros livros de Emil Ludwig, autor de *Julho de 1914. Colóquios com Mussolini e Napoleão*. Teremos desse famoso autor BISMARCK e GUILHERME II, obras de grande repercussão no mundo.

SENHORAS E SENHORITAS

LEIAM DE GRAZIA DELEDDA



O DRAMA DE REGINA

O MELHOR ROMANCE DO ANO

5\$

EDIÇÃO DA LIVRARIA DO GLOBO PORTO ALEGRE

EDIÇÕES

A "ENCICLOPEDIA DE EDUCAÇÃO", que aparece sob a direção do dr. Emílio Kemp, diretor da Escola Normal de Porto Alegre, continuará a oferecer bi-mensalmente aos professores e estudantes os seus numerosos dedicados ao ensino e educação.

A Coleção Didática a aparecer em princípios deste ano será verdadeiramente notável, pois dela farão parte livros de real valor.

Teremos também em 1933 primorosos livros de contos para crianças, todos ilustrados fartamente a muitas cores.

A Livraria do Globo continuará na sua obra da divulgação de escritores brasileiros. Ernani Fornari já entregou os originais de seu novo e interessante romance de costumes: "O Homem que Era Dois".

As coleções "UNIVERSO" e "ESPIONAGEM" serão também grandemente acrescidas de outras obras de valor.



G. K. Chesterton, o famoso escritor inglês, autor de "O homem eterno", que a Livraria do Globo está traduzindo para o brasileiro.





O escritor patricio Raul de Azevedo, autor de "Amores de Gente Nova", a interessante novela que a Livraria do Globo recentemente editou.

REVISTA DO GLOBO

ANEXO N - *Revista do Globo*, edição de 14 de janeiro de 1933. Ano 5, número 1. Chamada para o lançamento da *Coleção Nobel*.

Escritores e Livros

NOVO MEMBRO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Para o preenchimento da vaga deixada por Alcântara Machado, a Academia Brasileira de Letras sufragou o nome do Dr. Getúlio Dorneles Vargas. Participaram da eleição 34 acadêmicos, em vista de se acharem ausentes do país quatro deles e o sr. Clovis Bevilacqua, residente no Rio, há muito não comparecer às sessões da Academia.

33 votos sagraram acadêmico o Presidente Getúlio Vargas, havendo um voto em branco. A posse do novo imortal será realizada em época que julgar oportuna, devendo ser recebido pelo acadêmico que escolher.

A "Revista do Globo" registra com prazer esse fato, pois o dr. Getúlio Vargas, como é do conhecimento público, foi o seu idealizador quando, em 1929, ainda era Presidente do Estado do Rio Grande do Sul.

TAGORE, PRÊMIO NOBEL, FALECE AOS 80 ANOS DE IDADE

"Faleceu o famoso poeta indiano Rabindranath Tagore, residente em Calcutá. O falecimento do grande artista da harmonia e da beleza, conhecido em todo o mundo, ocorreu após uma intervenção cirúrgica, a última das muitas a que se submeteu, na esperança de que seu organismo, embora contando oitenta anos de idade, viesse a reagir. Seu falecimento é considerado na Índia como motivo de luto nacional".

Isto, o que disseram os telegramas. Tagore era popularíssimo em todo o mundo, através de sua magnífica obra e, no Brasil, pelo seu livro "Gitanjali", seleção de poemas intitulados, em português, "Oferenda" e publicado sob os auspícios de Sir William Nothenstein. Escreveu, durante sua vida, cerca de trinta livros de poesia, conquistando o famoso Prêmio Nobel no ano de 1913, sendo o primeiro oriental a merecer tal magnitude ocidental.

MARCEL PREVOST TAMBÉM MORREU, COM MAIS DE 80 ANOS DE IDADE

"Faleceu em Paris o conhecido escritor francês Marcel Prevost". Este, o lacônico telegrama que nos chegou do outro lado do Atlântico, onde os homens resolveram enlouquecer por alguns anos. Ele morreu com mais de 80 anos de idade e, dentre os seus livros mais populares, destaca-se "Les Demi-Vierges", talvez o único que lhe pode oferecer a consagração merecida. Foi escrito com uma intenção simples, mas a crítica, num ato de generosidade, atribuiu-lhe outras de grande mérito, e "Les Demi-Vierges" é tido, hoje em dia, como "um livro quase profético da moça moderna".

Registrando o falecimento de Marcel Prevost, o escritor Dante de Lityano publicou no "Correio do Povo" (8-7-41) um artigo onde escreve, a certa altura: "Sua literatura foi chamada de imoral. Durante muito tempo prevaleceu esta definição para a obra de Prevost, mas sua imoralidade constituía justamente em chamar atenção de seus contemporâneos pela falta de moralidade. Por que imoral? Onde termina a moral e começa o imoral?"

O PRÓXIMO ROMANCE DE JORGE AMADO

Jorge Amado, que passou recentemente em Porto Alegre de viagem para o México, está com os originais do seu próximo romance entregues a uma editora de Buenos Aires. Este romance foi anunciado com o título de "Sinhô Badaró" mas, em vez deste, sairá com o nome de "São Jorge dos Ilhéus". O seu livro "ABC de Castro Alves" acaba de ser publicado, em excelente edição, no Rio de Janeiro.

DOIS NOVOS LIVROS DE SOMERSET MAUGHAM

Na quinzena última a Livraria do Globo lançou em sua elegante Coleção Nobel mais dois volumes de Somerset Maugham: "Agente Britânico" e "Férias do Natal". O primeiro destes volumes é uma destas histórias que a gente não tem vontade de soltar mais, tal a intensidade de interesse que sua leitura desperta. O segundo é um estudo social penetrante e de atualidade, em forma de novela, escrito com a mesma vitalidade de "Serviço Humano". O próximo livro de Maugham a ser editado pela Globo é "Ah King", um volume de contos que têm por cenário o extremo oriente.

UM TELEGRAMA DO POETA OLEGARIO MARIANO

Por motivo da homenagem prestada à poetisa Lila Ripoll logo após a publicação de "Céu Vazio", o poeta Olegario Mariano, que reside no Rio de Janeiro, passou ao escritor Manoelito de Ornelas o seguinte telegrama: "Creia que me associo de coração e de espírito à homenagem prestada a Lila Ripoll, cujo "Céu Vazio" é um céu cheio de estrelas". Salve o enamorado da vida!

DEZ LIVROS NUMA QUINZENA

A Livraria do Globo está cumprindo à risca o maior programa editorial que já se executou no Brasil. Pode-se dizer que aquele famoso verso de Castro Alves "Livros... Livros à mancheia..." está sendo obedecido rigorosamente. Ainda na quinzena passada o número de edições da famosa organização atingiu o número de 10, assim discriminados: Coleção Nobel: "O Agente Britânico" e "Férias do Natal"; de Maugham, "O General", uma biografia por C. S. Forester e "Jean Christophe" (1.º vol.) por Romain Rolland; "Memórias", de Forel, "Maravilhas do Conhecimento Humano", por Henry Thomas; "Semana da Pátria", por Gilberto Miranda, colaborador desta Revista, "Coração Negro", "O Crime do Hospital" e "A 13.ª pancada da Meia-noite", na Coleção Amarela, reedição.

MUITAS NOTÍCIAS DE MUITOS LUGARES

• André Gide anuncia que se desligou completamente da "Nouvelle Revue Française, que ele fundara e com a qual jamais deixara de ter relações. • Erika Mann, filha de Thomas Mann, vovô para a Inglaterra afim de fazer conferências alemãs nas estações de rádio e escrever artigos para revistas e jornais americanos e canadenses. • O livro de Hemingway "Por quem tocam os sinos" aparecerá brevemente numa tradução de Monteiro Lobato. • Dentro de poucos dias aparecerá a segunda edição do livro de Ernesto Vinhais "Aventuras de um repórter na Amazônia". • Nabor Fernandes é um jovem poeta fluminense que publicou recentemente "Encantamento", um livro de versos do qual teve a gentileza de nos mandar um exemplar. • Lion Feuchtwanger, autor de "Flavius Josephus", e de "Judet Süss", está escrevendo uma peça teatral com Leo Mittler. • A editora Doubleday, de Nova York, publicou recentemente uma coleção de cartas francesas sob o título "Elas falam por uma nação". A escolha foi feita por Eva Curie, Philippe Barrès e Comte Raoul de Sales. Todas as entradas desta edição serão aproveitadas em favor de prisioneiros franceses. • Pierre Dominique, médico, ensaísta e grande biógrafo francês, autor, entre outras obras célebres, de "Notre Dame de la Sagesse", foi nomeado diretor do serviço de informações de Vichy.

LARRETA CANDIDATO AO PRÊMIO NOBEL DE 1941

Um telegrama procedente de Sevilha e recentemente publicado pela imprensa do país anuncia que a Academia Real de Belas Artes daquela cidade resolveu apoiar a candidatura do escritor argentino Enrique Larreta para o Prêmio Nobel de Literatura de 1941. Larreta é o romancista mais famoso da Argentina e talvez da literatura hispano-americana. Seu principal romance é "Zogobi". "A Glória de Don Ramiro" é também uma obra popularíssima. Ainda há pouco, esteve ele no Rio de Janeiro, a convite do Ministro das Relações Exteriores, tendo então feito diversas conferências.

UM NOVO LIVRO DE A. J. CRONIN

A. J. Cronin, o autor de "A Cidadela", publicou na semana passada nos Estados Unidos um livro cuja tiragem ultrapassou à de "Por quem tocam os sinos", o livro de Hemingway. O título é "The Keys of the Kingdom" e se trata da primeira novela escrita por Cronin desde "A Cidadela". O tema é baseado na vida de um sacerdote católico. Suas "chaves" (Keys) são a humildade e a ternura. Sendo católico, Cronin espera que seu livro agrade aos católicos "mas se eles desprezarem o meu livro, será uma condenação do catolicismo no melhor sentido da palavra — universal".

ANEXO O - Seção *Escritores e Livros*.

Revista do Globo, edição de 23 de agosto de 1941. Ano 13, número 302.

Produção da *Coleção Nobel*.

ESCRITORES E LIVROS

"O RIO GRANDE DO SUL QUE EU VI"

• O conhecido escritor alemão, dr. Wolfgang Hoffmann Harnisch, atualmente residindo no Rio Grande do Sul, faz seguir ao seu "O Brasil que eu vi", uma obra especial em que se ocupa exclusivamente do nosso Estado. "O Rio Grande do Sul que eu vi", — tal é o título desse novo livro, com mais de 400 páginas — é, pode-se dizer, um livro de viagens!

O leitor acompanha o autor como este pisa no solo riograndense; vindo da praia de Torres, como conhece os gaúchos na Fronteira, como percorre as Missões e como estuda as regiões coloniais.

A obra, porém, oferece mais do que um mero relato de viagens. Retrata ela, ainda, a organização das estâncias, a vida e os costumes dos gaúchos, a indústria pecuária, a cultura do arroz, do fumo e do vinho, dando-lhes a devida importância e reconhecendo em nosso Estado a existência de produtos de toda espécie capazes de proverem a totalidade econômica do Brasil! Além disso, o dr. Hoffmann Harnisch, tendo visitado os principais locais históricos do Estado, traça em seu novo livro, quadros descritivos de como se originaram esses lugares e de como se tornaram inesquecíveis. Importantes figuras de nossa história passeiam pelo livro, revividas com um poder de narrativa admirável — que caracteriza o autor de "Lordê Clive". A literatura riograndense, através de seus expoentes de todos os tempos, também é reportada em "O Rio Grande do Sul que eu vi", livro, sem dúvida alguma, admirável e que está destinado a grande êxito, quando de seu próximo aparecimento, talvez dentro de dois meses.

"O Rio Grande do Sul que eu vi" levará ainda umas 60 fotografias artísticas, tomadas pelo próprio autor, dos aspectos mais interessantes da vida e da arte riograndense.

SECÇÃO BRASILEIRA, NA BIBLIOTECA DO CONGRESSO, NOS ESTADOS UNIDOS

• O professor Lewis Hanke, diretor da Fundação Hispânica da Biblioteca do Congresso de Washington, há pouco tempo esteve no Brasil, chegando, mesmo, a visitar a Livraria do Globo, onde tornou-se amigo de Erico Veríssimo, cuja obra já conhecia. Agora, chega-nos notícia de que o Prof. Hanke, cumprindo uma ordem de seu governo, formará uma secção brasileira naquela importante biblioteca, na qual figurarão obras dos mais destacados escritores brasileiros, ou editadas no Brasil, sobre assuntos de nosso País.

MAIS LIVROS DESTRUIDOS

• O governador militar de Paris, general do exército alemão, ordenou a destruição das histórias da França, de Brossette, Guideman e Abbelister e Guillaud, assim como da "História concisa da guerra de 14", escrita por Welcheville, por conter declarações ofensivas ao soldado alemão. As obras mencionadas eram adotadas pelas escolas públicas da França.

GIL BRAZ DE SANTILHANA

• Como volume 6 da sua série clássica "Os mestres de pensamento", as edições "Cultura" apresentam o famoso "Gil Braz de Santilhana", de Lesage — um livro de mais de 600 páginas. Foi escolhida a clássica e saborosa tradução de Bocage. O tamanho do livro assusta o leitor até o

REMEDIOS ? AOS MELHORES PREÇOS

DROGARIA 

DR. FLORES 75 **ELLWANGER**

momento em que ele termina a leitura do prólogo e ouve as primeiras informações sobre a vida mal-aventurada desse patife ingênuo que é o herói da história. Então, ele é arreastado insensivelmente pela extraordinária movimentação de cenas e tipos dessa história humaníssima e às vezes amarga que é, todavia, uma das mais agradáveis e engraçadas narrativas da literatura de todos os tempos. Esse livro, Anatole France gostava de "reler" e La Harpe classificou-o de "obra-prima". A seu respeito, escreveu Saint Beuve que nele se encontram "todas as formas da vida na natureza humana; tôdas, excepto certa elevação ideal e moral".

No prefácio, José Perez analisa o autor, a obra e o gênero, mostrando as origens do "picaresco" e estudando o seu sentido. Tarsila apresenta um retrato do autor. Esse volume é apresentado com o mesmo cuidado dos anteriores. O número 7 da série será "A agonia do Cristianismo" de Unamuno, em tradução de Fidelino de Figueiredo.

NOVOS LIVROS DA EDITORA GLOBO

• O programa editorial da Livraria do Globo para 1941 promete ser dos maiores até agora realizados; maiores, e sempre obedecendo às características que, há pouco, a brilhante revista "Diretrizes", do Rio de Janeiro, salientou, em artigo de fundo. De fato, já sem estar definitivamente traçado, esse programa começará a ser executado com a publicação, dentro de pouco tempo dos seguintes livros:

"A Importância do Viver", uma obra filosófica magistral, de autoria de Lin Yutang. "Estes dias tumultuosos", por Pierre Van Paassen. "O Drama da Ásia", nova reportagem de John Gunther, autor de "O Drama da Europa" e Winston Churchill, uma biografia do Primeiro Ministro inglês, devida à pena do escritor francês René Kraus. "Heróis Modernos", romance de Louis Bromfield, autor de "As Chuvas Vieram", "Meninha", novela de Athos Damasceno Ferreira, "Só tu voltaste?", o primeiro romance dum dos melhores ensaístas brasileiros; — Tasso da Silveira. A "Globo" ainda editará este ano "A História do Oceano Pacífico", de Hendrich van Loon e "O Drama da América Latina", de John Gunther.

 **Caramelo de Luxo**
ABELHA

Analisado e aprovado pela
DIRETORIA DA HIGIENE DO ESTADO
Sob N. S. P. 570

Use tinta
SARDINHA
Para Caneta



J. A. SARDINHA

ANEXO P - Seção Escritores e Livros.

Revista do Globo, edição de 08 de fevereiro de 1941. Ano 13, número 289.

Menção ao lançamento da Coleção Biblioteca dos Séculos.